



Patativa se foi aos 93 anos. Manteve a lucidez até o fim. Manteve também o bom humor e a capacidade de improvisar. Não duvidem que tenha saudado sua chegada ao céu com um rompante capaz de provocar o riso de São Pedro, representado na iconografia carregando as chaves, o seu atributo. Quinze anos depois, é um bom momento de rememorar o que ele fez e de chorar a falta que ele faz. Também de avaliar o que aconteceu depois dele e o que ele diria ou faria em determinadas situações.

Edição Comemorativa dos 15 anos da morte do Poeta

Café Passeio
BAR, CAFÉ E RESTAURANTE


EXPRESSÃO
GRÁFICA
EDITORIA



Patativa do Assaré - Uma Biografia

Gilmar de Carvalho

PATATIVA DO ASSARÉ

Uma Biografia



Gilmar de Carvalho

PATATIVA DO ASSARÉ

Uma Biografia



Gilmar de Carvalho

PATATIVA DO ASSARÉ

Uma Biografia

3ª Edição Atualizada

Fortaleza

2017

Copyright@ 2017 Gilmar de Carvalho

1ª edição - 2001 - Edições Demócrito Rocha - Fortaleza

2ª edição - 2008 - Editora Expressão Popular - São Paulo

Revisão - Ronaldo Salgado

Fotografias - Lizaldo Maia

Produção Gráfica e Capa - Larri Pereira / Léo de Oliveira

Impressão e Acabamento - Expressão Gráfica

Todas as epígrafes das aberturas dos capítulos são trechos de poemas
de Patativa do Assaré

Edição comemorativa dos 15 anos de morte do Poeta

P294c Carvalho, Gilmar de
Patativa do Assaré: uma biografia. 3. ed. –
Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017
104 p.; 11,5 x 15,5 cm.
ISBN: 978-85-420-1064-0

Edição comemorativa dos 15 anos da morte do Poeta.

1. Patativa do Assaré, 1909-2002. 2. Poesia brasileira – Ceará.
3. Poesia popular – Ceará. I. Título.

CDD : 928.6991

Sumário

| | |
|--------------------------|-----|
| <i>Destino</i> | 7 |
| <i>Atalho</i> | 13 |
| <i>O começo</i> | 21 |
| <i>Poesia viva</i> | 27 |
| <i>Oral / escrito</i> | 35 |
| <i>Poeta do povo</i> | 47 |
| <i>O cordel do poeta</i> | 53 |
| <i>Mídia nacional</i> | 61 |
| <i>Mais política</i> | 67 |
| <i>Exportação</i> | 73 |
| <i>Cotidiano</i> | 77 |
| <i>A força do mito</i> | 83 |
| <i>Bibliografia</i> | 95 |
| <i>Cronologia</i> | 97 |
| <i>Sobre o autor</i> | 101 |



Destino

*Foi na Serra de Santana
Em uma rude chopana
Humilde e modesto lá
Foi aqui onde nasci
E a cinco de março vi
Os raios da luz solá*

O que levaria um menino nascido no meio do mato, longe dos grandes centros, portador desde os quatro anos de deficiência visual, com poucos meses de escola formal a se transformar num dos nomes mais vigorosos da poesia brasileira?

Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, rejeitava o dom, palavra impregnada de conteúdo religioso, ligada, de certo modo, à idéia de missão.

Ele não dizia, mas deixava transparecer que se construiu, por meio da leitura, da voz que chegou à escrita, dos torneios de viola que abandonou, introjetando, no entanto, o instrumento e fazendo uma poesia que não era apenas maviosa, mas contundente em sua diversida-

de, embora o traço mais marcante seja sua conotação política.

Patativa fez poema de amor, de gracejo, eróticos alguns (que ele nunca publicou), telúricos, sobre as desigualdades sociais e a necessidade da Reforma Agrária.

Ele falava sobre o que vivia. Nunca fez da poesia um devaneio ou nunca escreveu sobre aquilo que não tenha sido objeto de suas experiências e vivências, letradas ou imaginárias.

Patativa nunca fez uma poesia fora de lugar, parafraseando um grande crítico. Tampouco fez uma poesia fora do tempo.

Tudo nele estava absolutamente sintonizado. Assim, ele xingou a televisão no poema “Presente desagradave”, alertou para o drama dos meninos em situação de rua, chamou a atenção do progresso como ameaça às formas de sociabilidade (nas casas de farinha, nos engenhos de pau, na linha férrea desativada) e apoiou o MST como o grande movimento social organizado do país. Era comovente vê-lo envolto na bandeira dos Sem-Terra.

O poeta ajudou a escrever a história do século XX. Esteve no centro de momentos cruciais da vida brasilei-

ra. Não se omitiu e nem temeu a repressão, que não o fez calar. Nunca foi subserviente aos poderosos. Foi um ser político, na exata acepção dessa expressão.

Com sua casa sempre aberta aos visitantes, expressivo quando gesticulava e seu corpo todo dizia um poema, tímido, quando conveniente, Antonio Gonçalves da Silva se destacou pela coerência e pela fluidez de sua fala, maviosa como o cantar do pássaro que lhe serviu de epíteto, ao qual ele incorporou sua cidade como topônimo: Patativa do Assaré.

Fazendo poesia, trabalhando o chão, com suas mãos calejadas, cantando o mundo, foi intérprete de sua gente e porta-voz dos excluídos de todos os tempos.

Pretendia ter o alcance e a grandeza de um Castro Alves atualizado: conseguiu. A mídia nunca o mascarou. Nunca posou de celebridade.

Foi sempre o poeta-camponês. Isso, apesar de ter estado no lugar certo, na hora certa: nos jornais alternativos que vicejaram depois do golpe de 1964, no palanque da Anistia, das “Diretas-Já”, nos torneios verbais em sua Serra de Santana, seu paraíso particular, o lugar onde nasceu e que sempre foi seu sonho de lugar.

Patativa esteve nas películas e nos vídeos, deixou sua voz em vinis e CDs, escreveu cerca de nove livros,

e tem sido cada vez mais objeto de teses, dissertações, monografias, artigos, ensaios, estudos.

Nunca se falou tanto de um poeta de extração popular sertaneja. Por quê? Pela excelência de seu verso, pela contundência sem perder a ternura, como diria Che Guevara, e pela manutenção de suas raízes, cantando o mundo a partir de sua aldeia.

Patativa é a mais perfeita tradução de um clássico construído pelo povo e voltado para o povo. Nunca fez comércio de sua lira, como costumava dizer. Criava e não precisava de álibis para fazer uma poesia tensa e sonora, como as cordas de uma rabeca de cego que nunca foi, apesar de ter perdido as duas vistas. Ele enxergou sempre longe e muito bem. Anteviu, no sentido de que a voz poética é profecia.

Sua altivez era respeitada pelos seus contemporâneos, pelos que tiveram o privilégio de conhecê-lo ou pelos que o descobrem pela leitura de seus poemas, pela audição dos versos que ele enunciou ou pelas imagens em movimento que nos dão apenas uma pálida idéia do monumento que ele foi.

Foi esse Patativa do Assaré que partiu há quinze anos e está aqui por inteiro. Na medida em que um homem de sua grandeza é capaz de caber nas páginas de um livro.

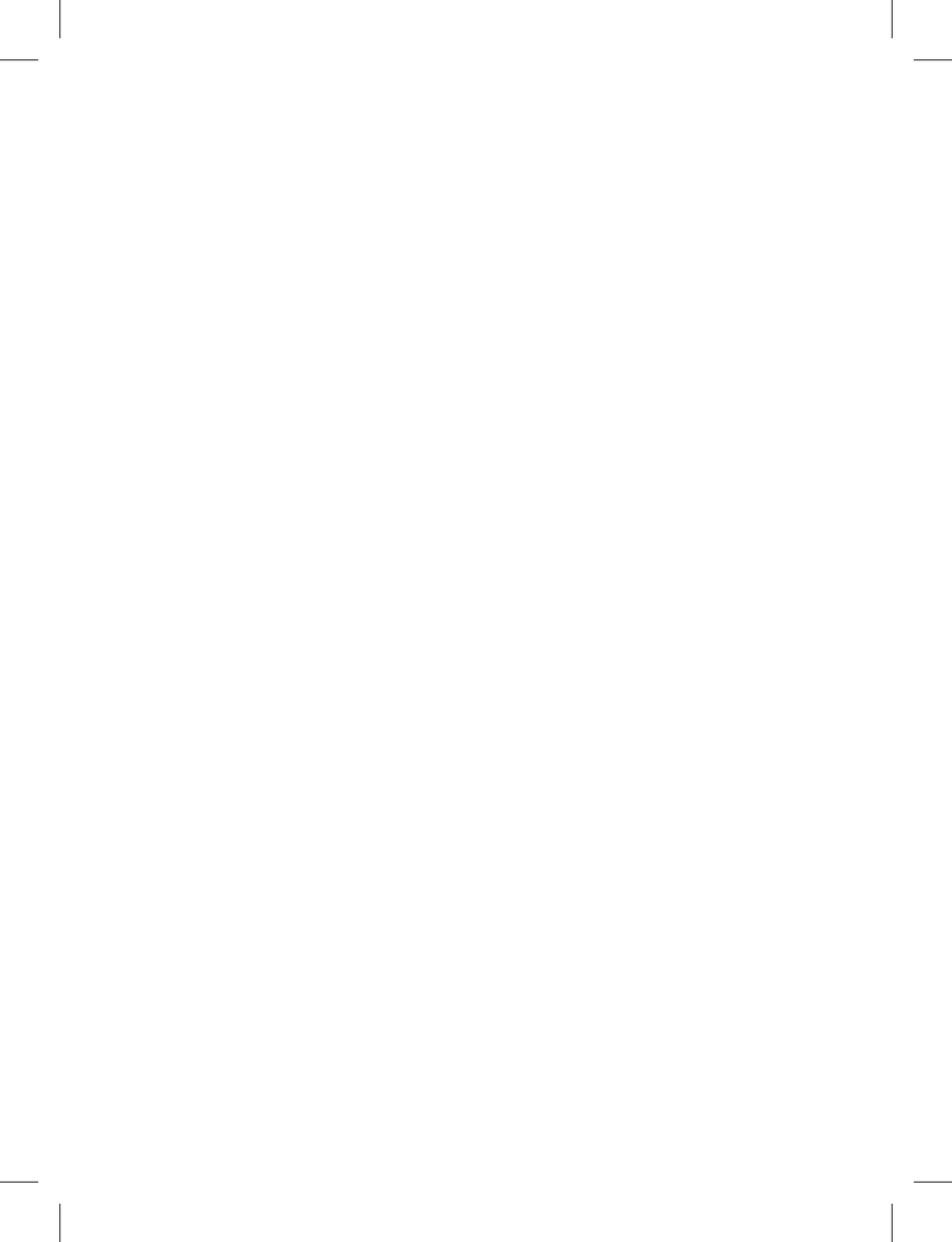
Mais que uma biografia, é uma história de vida e de luta, dele e de todos os camponeses, nascidos sob a égide da poesia da voz, ouvindo trancoso, pegando no cabo da enxada, esperando pelas chuvas, mas capazes de abrir caminhos, inscrever seus anseios, expectativas e sonhos num fundo comum, e incorporar suas lutas numa luta maior, que é luta de todos nós por uma sociedade menos competitiva e desigual.

Patativa fez a sua parte, deixou a sua marca. Sua poesia está aí para transformar o mundo. Ela tem esse poder encantatório, pela força das verdades que enuncia.

Nas bibliotecas públicas, escolares ou comunitárias; onde alguém tiver um som que toque CD e se dispuser a ouvi-lo; nos documentários que as tevês estão sempre reprisando, leremos, ouviremos e veremos o poeta pela mediação técnica e ele estará sempre entre nós.

Patativa é um exemplo de superação de dificuldades de toda ordem para a poesia se fazer presente e interferir na realidade contraditória e diversa.

A poesia tem força, o poder de solapar as construções ideológicas aparentemente consistentes. Ela se insere pelas brechas e faz romper o que parecia sólido. Embalados pelos versos, os homens podem ganhar consciência de seus direitos e obrigações para a (re) construção, em outras bases, deste velho e vasto mundo.



Atalho

Assaré meu! meu Assaré!

Terra do meu coração!

Sempre digo que tu

é a terra mió do chão.

Dia 5 de março de 1909. sexta-feira, lua crescente (seria cheia no dia 7, domingo), dedicado aos santos Virgílio, João José da Cruz e Teófilo, no calendário da Igreja Católica.

Observatório Meteorológico de Quixeramobim, no sertão central do Ceará, terra de outro Antônio notável, o Conselheiro, não registrou chuvas nesse dia e a perspectiva de um ano seco deveria trazer muitas preocupações para todos, principalmente para os agricultores, como os que viviam na Serra de Santana, a 18 quilômetros de Assaré.

Depois de um carnaval que não aconteceu, em sua folia dionisíaca, e de receber cinzas (dia 3 de março), o que devia ser feito era esperar pelo dia 19, festa de São José, padroeiro do Ceará, coincidente com a passagem do equi-

nócio, quando se saberia de vez, se choveria ou não e a situação se definiria de vez.

Foi nesse contexto que nasceu o menino Antonio, segundo filho (dos que se criaram) de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva, em hora que ele não sabia precisar, com o Sol em Peixes, a Lua em Leão, Mercúrio e Vênus em Aquário, Marte e Urano em Capricórnio e Júpiter em Virgem. Para os que acreditam que os astros podem ter um papel determinante na vida das pessoas, seria alguém marcado pela espiritualidade, com sensibilidade, dedicação a uma causa, amor pela Humanidade e uma fantasia privilegiada.

Não foi possível localizar um exemplar de jornal cearense que tenha circulado nesse dia. “O Unitário” aparecia nas bancas apenas três vezes por semana e nunca às sextas; a coleção de “A República”, na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, está incompleta e o órgão católico “Cruzeiro do Norte” só circulou no domingo, dia 7, trazendo notícias do oligarca Antonio Nogueira Accioly, o Babaquara, que governou o Estado com mão-de-ferro até ser derrubado, em 1912, por uma das Salvações do Norte, aliança das camadas médias de Fortaleza com os militares insatisfeitos com os rumos que tomava a República, que eles ajudaram a proclamar.

O noticiário estampava a morte, vítima de tuberculose, do “piedoso” Frei Abraão, capuchinho que prestara serviços à instrução pública, em Canindé; trazia o segundo de uma série de artigos sobre o materialismo; anúncios das pílulas purgativas do Dr. Mattos e do vinho de missa vendido na Casa Albano.

Merecia destaque no Brasil, governado por Afonso Pena, o trabalho de Cândido Rondon, ligando o Rio de Janeiro à Amazônia, por meio do telégrafo. Com a morte do presidente, em junho desse ano, assumiu o vice, Nilo Peçanha e se desencadeou a campanha civilista de Rui Barbosa.

“O Paiz”, do Rio de Janeiro, noticiava a “ação de contrabandistas no Acre”, enquanto o “Correio Paulista” registrava a organização de um novo partido político, opositorista.

O “Jornal do Comércio”, de São Paulo, denunciava “a situação desalentadora do Estado do Rio Grande do Norte, vitimado pelos rigores da seca.”

Enquanto isso nascia, em Assaré, um menino chamado Antonio.

Assaré passou a ser vila, desde 1865, quando se desmembrou de Saboeiro, e era administrada, desde 1904, pelo intendente Tamiarana.

No passado, o homem forte da região havia sido o barão de Aquiraz (Gonçalo Batista Vieira), morto em 1896, dono de muitas terras e da casa do Infincado, exemplo de arquitetura sertaneja, a 30 quilômetros do núcleo urbano de Assaré e ainda hoje de pé.

O Dr. Manoel de Paiva Cavalcanti era juiz de Direito e a Promotoria de Justiça era exercida por Antônio Mendes Bezerra. Como não existia médico na vila, atuava o farmacêutico prático Idelfonso Camapum.

No campo da fé, o papa era Pio X, e o pároco de Assaré, Francisco Silvano de Sousa, batizou o menino Antonio, dia 25 de abril desse mesmo ano, embora ele só tenha sido registrado em cartório a 26 de junho de 1917.

A Repartição dos Correios era dirigida pela agente postal Maria Teodolina Freire, a quem cabia receber, às segundas-feiras, as malas expedidas da capital.

O trem só chegava a Senador Pompeu, na região central do Estado, e a expansão para o Cariri só seria concluída em meados dos anos 1920.

Em Juazeiro, estava sendo instalado o semanário “O Rebate”, para lutar pela emancipação política do povoado do padre Cícero, até então atrelado ao Crato.

No Assaré, que, etimologicamente, significava atalho, desvio do caminho das boiadas dos Inhamuns para o

Piauí, tudo corria sem maiores novidades, com a mesma morrinha de sempre, de acordo com os almanaques da época.

Antonio Gonçalves da Silva teria a mesma sina de tantos outros que trabalharam a terra, casaram, tiveram filhos e deixaram poucas marcas, não fosse a excelência de uma produção poética surpreendente, pela possibilidade de novas descobertas e angulações.

Patativa do Assaré, lúcido, cada vez mais afiado na crítica social e com uma compreensão generosa do mundo, tornou-se uma referência da poesia de todos os tempos.

A partir de sua aldeia, elevou sua voz e se fez universal, na invenção de uma poesia que, com a força de uma inserção no presente – donde a consciência de cidadania que ele teve – mirava a tradição e se projetava para o futuro, com a dimensão da profecia.

O fato de ser filho de pequenos proprietários rurais ajuda a compreender sua altivez, sua dignidade e sua preocupação social. Seus pais não estavam submetidos a regimes feudais, em que o dono da terra fica com a maior parte da produção.

Essa terra, dividida entre os cinco filhos (José, Antonio, Joaquim, Pedro e Mercês), após a morte prema-

tura do pai, quando o futuro poeta tinha apenas oito anos (dia 28 de março de 1917), deu a exata dimensão do compromisso com o trabalho do campo, que o futuro Patativa praticaria até os 70 anos, outro dado fundamental para a compreensão do homem e do poeta.

Aos quatro anos de idade, o primeiro drama, com a perda de um olho. Na autobiografia, ele fala em dor d'olhos, em outros momentos, são feitas referências ao sarampo. Quando lhe perguntei qual tinha sido mesmo a causa, a resposta veio resignada: “Que diferença faz? O importante é que eu perdi um olho”.

Na busca de um nexos, que pode até ser forçado, esse fato poderia ser a premonição de um destino, como se ao pequeno Antonio coubesse manter a tradição de um Homero sertanejo, ser uma projeção de Camões ou ter a grandeza do violeiro Aderaldo, o contemporâneo que ele não chegou a conhecer, na antecipação de uma cegueira definitiva que viria muito tempo depois.

O mundo, para o menino, se resumia à Serra, lembrada por ele como densa de verde, encorpada, aos poucos ocupada pela agricultura e pela construção das casas, quando a família cresceu e fez desse distrito de Assaré um marco afetivo e poético: “Minha Serra / minha Serra / o destino me faz guerra / e a saudade me devora”.

O tempo de escola foi escasso, alguns meses apenas. O professor era muito fraco, segundo as lembranças do poeta maduro, mas a gratidão sempre foi forte. Os livros eram os de leitura de Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho, editados de 1892 a 1959, pela Livraria Francisco Alves, disseminando as letras pelo interior do Brasil: “Foi os livros de valô / mais maió que vi no mundo”.

O lazer era de contemplação, das brincadeiras de outrora e ficaram retidas as leituras coletivas de folhetos de cordel e o ponteio das violas que se perfilavam para a peleja. O menino Antonio, deslumbrado com as possibilidades da inventiva, que se lhe abriam, tomava consciência de que também seria capaz de improvisar versos, ou extrair das cordas a musicalidade e a agilidade que engendravam as modalidades do repente. Nascia a vocação poética, amadurecida ao longo de uma vida inteira.

A Serra sempre foi seu ideal de paraíso, o lugar onde ele foi feliz e para onde fugia, quando se cansava de Assaré e buscava o cheiro do mato, o cantar de alguma perdida patativa ou os longos torneios poéticos desenvolvidos com seus parceiros ou rivais.

A Serra ainda guarda, como uma relíquia, a casa onde ele nasceu, com paredes de taipa se projetando

contra o céu azul e se erguendo do chão, do mesmo barro com o qual ele e todos nós fomos modelados.

Na velha casa, onde morou o irmão mais novo, Pedro Mariô, estão os silos que armazenavam a colheita, o fogão de lenha e muitas lembranças impregnadas pelo chão. O irmão chegou a ousar um vôo poético, sem atingir, é claro, a dimensão de Patativa. Muito religioso, chegou a fazer um poema blasfemando contra a obra da criação, no qual dizia que os coqueiros deviam ter espinhos para desencorajar o furto dos cocos e umas quadras incluídas na primeira versão do “Balceiro”, livro que reuniu parte da produção dos poetas de Assaré, publicado em 1991. O irmão mais velho, Zezé do Cachoeirão, também teve umas glosas incluídas nessa coletânea.

Nos guardados do pai, a descoberta de um gracejo feito para insultar um parente sovina: “José Pereira da Silva / vive aqui com ar de morto / vendendo cachaça ruim / dizendo que é vinho do Porto / e quando a casa desaba / vai catar preguinho torto”.

As lembranças da mãe eram maiores (ela viveu 83 anos, tendo morrido em 16 de outubro de 1968) e incluíam a voz nostálgica entoando uma versão tradicional de *Asa Branca*, que, depois, retrabalhada por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, ganharia a condição de manifesto social e estético do Nordeste.

O começo

*Sou sertanejo rocêro
Eu trabaio o dia intero
Que seja inverno ou verão
Minha mão é calejada
Minha péia é bronzuada
Da quintura do sertão*

A morte do pai significou a divisão, não das terras, mas das tarefas e o menino Antonio se ligou cada vez mais à sua Serra, lugar idílico, sertão elevado, com muitas pedras, sem a exuberância atribuída a esse tipo de acidente geográfico.

A idéia do Éden vinha por conta das onze lagoas, algumas das quais permanentes, da fertilidade do chão, de onde hoje eles colhem feijão, milho, arroz e o maracujá.

Serra de terra dividida, com onze tratores de propriedade dos roceiros, energia elétrica na maior parte das casas, escola de primeiro grau, ônibus escolar que leva os mais adiantados para a sede do município e um posto telefônico que ostenta, em placa de bronze, o nome do poeta.

A Serra de Santana é muito mais que um espaço afetivo do domínio da memória. Ela cristalizava, para ele, não apenas o paraíso, mas a concepção de terra partilhada, o ideal solidário de uma comunidade cristã ou do socialismo utópico, na explicação do mundo.

Aos 16 anos, o garoto convenceu a mãe a vender uma ovelha para comprar a primeira viola. Foi o momento inaugural de sua trajetória. De viola em punho, Antonio buscava os parceiros para suas apresentações.

Fazia “versinhos que serviam de graça para os serranos”, como avaliou depois. Começaram os pedidos para apresentações nos sítios das redondezas, nas festas de casamentos e aniversários, nas reuniões à noite, não em volta das fogueiras, como nas vigílias medievais, mas nos alpendres das casas e nos terreiros, nas noites de luar.

O aprendiz de repentista dava sinais de que usaria a viola não apenas como um passatempo.

Foi quando chegou à Serra, para uma visita à família, José Alexandre Montoril, o Cazuzinha, que morava na região que hoje constitui o Estado do Amapá. O visitante se encantou pelo improviso do jovem Antonio e quis levá-lo para uma temporada na Amazônia.

Difícil, foi convencer a mãe renitente. “Naquele tempo, filho vivia na barra da saia”, lembrava Patativa, e com ele não foi diferente. A viagem aconteceu porque

Cazuzinha, parente próximo, se comprometeu a mandar Antonio de volta.

No mais, imaginar as dificuldades de chegar a Fortaleza, depois de pegar o trem no Crato e embarcar num velho Ita (o Itapajé), como na canção popular, e o impacto do mar e de tantas águas para quem saía de um sertão castigado pelas secas.

Antonio chegou a Belém fazendo versos bem humorados e, provocado pelo jornalista cratense José Carvalho de Brito, tabelião, aí radicado, foi capaz de lhe dar uma resposta afiada. Perguntou-lhe Carvalho: “Você que agora chegou / do sertão do Ceará / me diga que tal achou / a cidade do Pará”? Patativa não se fez de rogado: “Quando eu entrei no Pará / achei a terra maió / vivo debaixo de chuva / mas pingando de suó”!

A partir daí, depois de visitar o seringal do parente, cumpriu o roteiro das “colônias” de nordestinos, que se estabeleciam às margens da ferrovia, hoje desativada, entre Belém e Bragança. Lá, cantou com muitos conterrâneos que, fugindo das secas, tentavam uma vida melhor. O parceiro mais constante ou o das lembranças mais fortes foi Rufino Galvão.

José Carvalho de Brito, ao ouvir o canto mavioso de Antonio, assim escreveu no livro “O matuto cearense e o caboclo do Pará”, lançado em 1930 (e reeditado

pela UFC, em 1973), referindo-se a Montoril: “Lá encontrou um cantador e tocador de viola, autêntico e dos bons, apesar de ter apenas 20 anos de idade. É o Antonio Gonçalves, já crismado por Patativa”.

Na volta, depois de uma temporada de cinco meses, a possibilidade de vislumbrar o velho poeta Juvenal Galeno, em Fortaleza:

“Já bem velhinho, com a barba grande, bem alvinha a barba dele. Também com as vestes brancas e a rede branca. Tudo era alvo parecia uma visão. Eu passei foi tempo olhando para ele”.

Ao impacto inicial, veio à consciência de estar diante do monumento e Patativa depois improvisou: “Sei que há muitos poetas / uns grande e outros pequeno / brancos, mulatos, moreno / porém não há um na terra / como o Juvenal Galeno”.

Era o encontro de duas atitudes diante de uma poesia de dicção tradicional popular: o velho Juvenal, que se baseara nos cantos de vaqueiros e jangadeiros, por sugestão de Gonçalves Dias, segundo dizem alguns historiadores da literatura, a quem conhecera quando da visita da Comissão Científica de Exploração ao Ceará (1859-1861) e o jovem Patativa, que utilizava essa linguagem como fruto de uma vivência.

Patativa voltou à Serra, ao trabalho no campo e ao roteiro das improvisadas apresentações, até incorporar a seu epíteto de pássaro sua procedência geográfica.

Isso por conta da profusão de patativas, incluindo o cantor Augusto Calheiros, seresteiro de grande sucesso nesse período, conhecido como a “Patativa do Norte”. A partir de então, Antonio Gonçalves da Silva, passou a ser “Patativa do Assaré.”

Foi essa reclusão, esse afastamento dos grandes centros e essa aproximação com a terra, sua gente, a vivência plena do trabalho no campo que deu a Patativa a consciência social de intérprete dos que não tinham condições de se expressar, de porta-voz dos excluídos de sempre e de poeta dos grandes temas.

Poucos tiveram essa possibilidade de um exercício poético sem as pressões do mercado (ainda que incipiente) e com as chances de uma vivência daquilo sobre o qual poetou. Patativa soube fazer valer esse privilégio e nos deu uma poesia impregnada de vida, de Sol causticante, de grito de denúncia e de acalanto de amor, tudo isso junto, numa trama textual, em que a voz prevaleceu sempre e deixou suas marcas no escrito que depois se passou para o impresso.



Poesia viva

*Minha serra de Santana
Meu pedacinho de chão
Lá ficou minha choupana
E o meu pé de framboão*

Patativa se refugiou na Serra de Santana, entre 1930 e 1955, onde compôs a maior parte de sua obra, sem holofotes, reconhecimento ou aplausos, a não ser o dos conterrâneos, embevecidos por seu canto.

O poeta descrevia o pássaro xará: “Por cima ela é azul, assim de frente ela é branca e o bico bem pequeno e grossinho”. Seu cantar seria marcado pela versatilidade: “Quando ela está cantando, assim, numa arvorezinha bem copada, você escuta, você pensa que ali dentro daquela moita tem vários passarinhos cantando. De uma vez só ela imita muitos passarinhos pequenos”.

Essa metáfora, camaleônica, seria uma explicação para os múltiplos cantares de Patativa do Assaré, da dicção nos moldes da norma culta à poesia matuta, do telúrico ao social, do gracejo à sua desconhecida e renegada

produção erótica, da qual ele chegou a recitar fragmentos, desde que o gravador do entrevistador estivesse desligado, o que ele fazia questão de comprovar, ficando com o aparelho em suas mãos.

Casou-se, em 1936, com Belarmina Paes Cidrão, (pela certidão do cartório, o enlace ocorreu dia 11 de dezembro de 1939), a dona Belinha, companheira amorosa (“Eu, rude bardo, uma paixão cantava / e lhe julgava nos meus doces cantos / a camponesa, minha preferida / para a vida consolar meus prantos”), nascida a 10 de janeiro de 1914 e falecida em 1994, tema que emocionava o poeta, a ponto de deixá-lo com a voz embargada, um convite para seu interlocutor buscar um assunto menos amargo.

Desse casamento nasceram nove filhos, dos quais três mulheres, que inspiraram o poema “*Minhas filhas*”, onde coruja declarava: “Fico confuso sem saber das três / qual a mais linda e qual a mais eu quero / se é Miriam, se é Lúcia ou se é Inês. E concluía, sabiamente: “as três filhas que eu tenho é uma só”.

Três filhos são agricultores (Afonso, Pedro e Geraldo, este já falecido) e trabalham as 105 tarefas de terras da família, na Serra, enquanto João vive em São Paulo. Em voz baixa, ele relembrava um filho suicida (Raimundinho), que deixou, como testamento, um so-

neto cuja publicação ele nunca permitiu, apesar de considerá-lo exemplar. Outra filha, morta na idade adulta (Maria Maroni), deixou saudades.

Foi um pai rigoroso, de acordo com o depoimento emocionado da filha Miriam: “Ele não era muito carasco não, mas também era seguro, não sabe? Ele não deixava a gente sair. A gente sempre ia na roça com ele, trabalhando, às vezes havia brincadeira, mas ele sempre não deixava a gente sair pra se divertir, não”.

Desse tempo, as lembranças são a casa na Serra, onde morava a família e onde depois viveu dona Miriam, até morrer, em 2004, à frente da qual se ergue o flamboyant, árvore da floração, citada, nostalgicamente, em vários de seus poemas e registrada, para sempre, em sua memória afetiva.

Dessa casa, o casal saiu para morar em Assaré, no final dos anos 1970, instalando-se à rua Coronel Pedro Onofre, 27, ao lado da Matriz. “Virgem das Dores, Santa Senhora / De nossa terra sois defensora / Guardai do mal a nossa vida / Abençoai-nos oh, Mãe querida / Virgem Amorosa do céu rainha / Mãe amorosa / com vosso manto de graças / Ah! Defendei-nos por vossas dores”, cantava o bendito, já que dona Belinha, religiosa, queria a proximidade de uma igreja para fazer suas orações.

Matriz cuja torre se divisa da estrada à medida que se chega a Assaré, cidade que Patativa cantou em alguns poemas, de maneira afetiva, mas sem deixar de reconhecer suas mazelas: “Tu não possui calçamento / nem colejo, nem vinida / tu também não tem cinema / também não tem hospité / veve preso nas argema / sem ninguém libertá.”

Nesse período, de 1930 a 1955, pode-se afirmar que a poesia de Patativa foi difundida pela transmissão oral.

Não se deve perder de vista a importância das cantorias que fazia, dos parceiros que subiam a Serra apenas para encontrá-lo, e da semente da comunidade poética que ele plantou e floresceria tempos depois.

Patativa enumerava alguns parceiros, como João Alexandre, seu rival em várias apresentações, cumprindo um roteiro que abrangia um raio mais amplo, incluindo cidades da região centro-sul e outras da fronteira com a Paraíba e Pernambuco.

Parceiros mais esporádicos foram Anacleto Dias e Miceno Pereira, ambos moradores de Assaré; Vicente Granjeiro, do Junco, município de Várzea Alegre, e o lendário Andorinha, da serra do Quincuncá (etimologicamente bico de coruja), entre Assaré e Farias Brito, “uma espécie de Zé Limeira desajeitado”, de acordo com as lembranças de Patativa.

Zé Limeira, personagem de um livro de Orlando Tejo, não teve existência histórica reconhecida, apesar da insistência de Patativa (foi amigo de Tejo), teria sido o cantador das rimas e construções aparentemente sem nexos, provocando estranhamento e riso pelo arrevesso de sua poética.

Ele se referia, sem muito entusiasmo, a suas exibições com os cantadores, rejeitava as histórias de que bebia para animar a apresentação e contestava a versão de que rasgava a roupa e quebrava o violão nas cercas de arame farpado, dada por João Lino, da Serra de Santana, a quem negava, além da veracidade desses relatos, a condição de parceiro.

Falava na necessidade de vestir um paletó – o que ele já fazia na foto tirada em Belém – e exibir uma vistosa gravata. Na verdade, esse andar pelos sítios da região, montado no cavalo Ventania, tinha muito dos trovadores e menestréis e implicava na difusão de conteúdos que fizeram com que sua poesia ficasse cimentada na memória de sua gente, até ser recuperada, na forma de impresso.

Essa oralidade cristalizava a essência de sua poesia, para ser dita e ouvida, e que teve, na dimensão da voz e da *performance*, seu elemento definidor.

Pode-se falar em seu processo criativo, solitário, na maioria das vezes, ao trabalhar o chão, quando imaginava uma cena e os versos se acumulavam, como camadas dessa mesma terra se superpunham. Depois, era só copiar, à noite, à luz da lamparina e o poema estava pronto.

Desse exercício, deve ter vindo sua fabulosa capacidade de memorizar e que lhe permitia, aos 90 anos, dizer de cor composições como o “Vim Vim”, a mais longa de todas, com 58 estrofes de dez versos, espécie de desafio, a que se propunha, na superação de seus próprios limites, quando sua memória antiga estaria petrificada.

Ele nunca teria burilado um verso, como os poetas de bancada, na busca da palavra exata, da rima rica ou da cadência melódica porque isso era feito mentalmente, antes do poema ganhar forma por meio da escrita.

Eram outros que transcreviam seus poemas, o que acarretou uma série de complicações que só uma revisão crítica tratará de corrigir e estabelecer uma versão final.

A professora Neuma, a neta Isabel Cristina e outras pessoas tentaram passar para o papel os poemas de Patativa. O resultado final denota uma falta de padronização, com doutor, por exemplo, escrito como dotô, doutô, doutor, para ficarmos apenas em um exemplo.

A listagem seria longa e exaustiva. Patativa cuidava bem de seus poemas e se preocupava com seus livros.

Mas a deficiência visual impossibilitava um trabalho mais criterioso por parte dele, obrigado que estava a ouvir o que as pessoas liam, sem poder exigir uma unificação de modos de grafar as palavras, o que se acentuava, sobretudo, na chamada poesia matuta ou cabocla, mais próxima da voz que da escrita.

Mas isso não reduz a importância do poeta, apenas mostra que ainda há muito a ser feito no sentido de lhe dar uma tradução final, uma versão definitiva, a partir do cotejo do que ele fez e do consenso entre linguistas, teóricos da literatura, estudiosos de sua obra e familiares que privaram de sua convivência e sabiam melhor de suas inflexões, de sua projeção de voz e de suas idiossincrasias.

Sua poesia brotava da terra, como sua roça de feijão ou de milho. E, aos poucos, o distanciava da cantoria, por ele abandonada, não sem antes ganhar uma viola de Miguel Arraes, então prefeito de Recife, quando de um São João Popular, no sítio Trindade, na efervescência do Movimento de Cultura Popular (MCP), da União Nacional dos Estudantes (UNE) e na luta pelas reformas de base, que precipitaram o golpe de 1964.

Miguel Arraes se exilou na Argélia, as Ligas Camponesas entraram em recesso (até o surgimento do MST) e tudo ficou mais escuro com a decretação do AI-5.

Paradoxalmente, um instante decisivo de sua trajetória foi a chegada ao livro e o fato de sua poesia ter sido impressa, como forma de assegurar a sua permanência e a importância que sempre lhe foi devida (e algumas vezes negada).

Alguns lhe negam o estatuto de poeta. Pode-se chamar a atenção aí para o elitismo dos que se apegam apenas aos cânones literários, ao que tem sido estabelecido pelas Academias de Letras, pelas Universidades, pela crítica chancelada pelas grandes publicações. Patativa fica à margem desse rol, por conta de sua extração popular.

Falta também sensibilidade para dar à voz a importância que ela tem e sempre teve. Abrem exceções para a voz imemorial de Homero, mas nada de Patativa.

Consideram o cordel uma paraliteratura, literatura folclórica ou subliteratura. Nesse caso, fica difícil, encontrar um jeito de incluir Patativa nesse contexto literário, pela miopia dos que fazem a crítica, a história ou ditam as teorias vigentes.

O poeta nunca se deixou abater por essas mesquinhas e continuou até o fim a exercitar sua voz poética (e profética) na enunciação dos grandes temas, donde sua condição de clássico, porque eterno e não moderno, parafraseando Carlos Drummond de Andrade.

Oral / escrito

*Brazi de Baxo, coitado!
É um pobre abandonado
O de Cima tem cartaz
Um do ôtro é diferente
Brazi de Cima é pra frente
Brazi de baixo é pra trás*

Entre o oral, em suas múltiplas instâncias de memorização e de transmissão de uma poesia que se completava na performance, e a possibilidade do impresso, aberta em meados dos anos 1950, houve, curiosamente, a mediação de um veículo massivo: o rádio.

Os Diários Associados chegaram ao Crato, em março de 1951, espalhando os tentáculos do maior conglomerado de comunicação que este país jamais tivera, com a inauguração da Rádio Araripe.

Essa cidade, então o grande centro comercial do Cariri, reunia, às segundas-feiras, pessoas de todas as localidades de sua área de influência, de Pernambuco ao Piauí, atraídos pela festiva reunião para compra, venda e troca de tudo o que a região produzia.

A feira do Crato, ainda hoje, uma babel de pregões, com suas rapaduras escuras, seus apetrechos de couro, seus móveis com desenho popular, suas ervas, a farinha e a goma (polvilho) vendidas pelos Irmãos Aniceto (da Banda Cabaçal), não perdeu sua força nem seu caráter de festa, apesar dos plásticos e das bugigangas importadas ou contrabandeadas.

Para Patativa, a feira era a possibilidade de vender sua produção, de comprar o que sua família necessitava e, principalmente, uma forma de reencontrar os amigos e de um papo embalado por uma aguardente dos alambiques do vale.

Esses passeios sempre rendiam uma visita à Rádio Araripe, onde declamava seus poemas. É significativo que isso tenha se dado nos anos de 1950, desmontando as teorias equivocadas de um “popular genuíno”, quando havia a possibilidade da amplificação de sua voz e de sua produção poética.

Em um instante em que vigoravam as vertentes que faziam colidir o popular com o massivo, Patativa veio reforçar o papel da mídia e da não recusa do poeta – em sua decisão de não fazer comércio de sua lira – de participar desta programação.

Foi em uma dessas manhãs de feira que José Arraes de Alencar, filólogo e funcionário do Banco do Brasil,

radicado no Rio de Janeiro, de férias na cidade do Crato, onde moravam seus familiares, ouviu um poema no programa apresentado por Teresinha Siebra. Gostou tanto que fez questão de saber de quem se tratava: “De um poeta de Assaré, chamado Patativa”, teria sido a resposta.

José Arraes quis conhecê-lo e fez chegar à rádio o recado para que ele passasse por sua casa, depois da emissão, e a proposta da publicação de um livro veio incontinenti.

Patativa, desconfiado, agradeceu, por não ter meios para bancar os custos. Arraes se comprometeu a negociar com a casa editora e montou o esquema para ter logo os originais preparados, convencendo Moacir, também funcionário do Banco do Brasil e filho do folclorista Leonardo Mota (a quem Patativa lamentava não ter conhecido pessoalmente), a datilografar os poemas.

Negócio firmado, todos os dias de feira, Patativa se encontrava com Moacir e o livro começava a ganhar forma, aos jorros, como uma fonte que nunca se esgotava.

Com prefácio e glossário de Arraes e o selo de Borsoi Editores (Rio de Janeiro), “Inspiração Nordestina-Cantos de Patativa” foi lançado em 1956.

A poesia de Patativa ganhava novas possibilidades de leitura, serviria de matriz para outras criações e teria sua

permanência assegurada, superada a fugacidade da voz. De Assaré para o mundo, era uma questão de (pouco) tempo.

Outra vez, o rádio foi fundamental na trajetória de Patativa. Uma de suas composições, a “Triste Partida”, –parceria reclamada pelo compadre violeiro João Alexandre Sobrinho, de quem Patativa, relutantemente, admitia apenas uma contribuição à melodia, –passou a ser incorporada ao repertório dos violeiros que ocupavam cada vez mais espaços na programação desse veículo.

Um dia, uma dupla cantava nos estúdios da Rádio Borborema, em Campina Grande: “Setembro passou / outubro e novembro / já tamo em dezembro / meu Deus que é de nós” e a toada dolente foi captada pelo rádio do carro que conduzia Luiz Gonzaga, outra figura mítica do Nordeste, pelas estradas empoeiradas do sertão paraibano.

O “rei do baião” quis saber quem era o autor daquele canto emocionado (“Assim fala o pobre do seco Nordeste / com medo da peste / da fome atroz”) e, mais que isso, quis conhecê-lo. Quando soube se tratar de Patativa, marcaram um encontro no Crato, próximo a Exu, onde os Alencar e os Sampaio faziam a versão nordestina de uma *vendetta* italiana.

Na hora do encontro, Luiz quis comprar a composição, como era freqüente na época. Patativa recusou-se, peremptoriamente, até a dividir a parceria, mas concordou com a gravação, que veio em 1964. A “Triste Partida” incorporou-se ao repertório do filho de Januário e o canto de Patativa passou a ser amplificado nacionalmente. Aliás, o velho “Lua” era referência de uma expressão nordestina para Patativa: “Ninguém se lembra de praga / nem de fome, nem de peste / quando escuta no Nordeste / a voz de Luiz Gonzaga”.

O golpe de Estado encontrou a consciência social de Patativa ainda mais aguçada, crítico, a partir do primeiro momento, da ruptura institucional promovida pelos militares, com o indispensável apoio do empresariado brasileiro, dos políticos de porta de quartéis e do apoio dos Estados Unidos da América.

Oposicionista por coerência, ele não poupou o cearense Castello Branco, primeiro “presidente”(?) do período autoritário: “Com atenção eu apelo / para o supremo juiz / por causa de um só Castelo / nunca mais castelos fiz”. E concluía: “Me prometeu um tesouro / todo lindo, todo franco / e em vez de um castelo de ouro / me deu um Castello Branco”.

O poeta passou a colaborar, com o pseudônimo de Alberto Mororó, com jornais da UNE, onde travou con-

tato com o líder estudantil José Serra, que ele lamentava ter-se afastado tanto dos princípios que então defendia.

Patativa sofreu ameaça de prisão, mas o mandado foi relaxado por interferência de um parente que tinha laços de amizade com os prepostos da repressão. Esse parente teria rasgado a intimação deixada no cartório para o poeta ser apresentar para depor.

O pretexto era um poema sobre a questão da terra (“Caboclo roceiro”), publicado no jornal “Folha de Juazeiro”, por um grupo de estudantes progressistas do Cariri, que ele excluiu da segunda edição ampliada de “Inspiração Nordestina”, lançada em 1967.

“Caboclo roceiro” só foi publicado, em 1970, período ainda mais repressivo do que 1967, em “Patativa do Assaré – Novos Poemas Comentados”, livro de J. de Figueiredo Filho: “A lua te afaga sem ter empecilho / O sol o seu brilho jamais te negou / Porém, os ingratos, com ódio e com guerra / Tomaram-te a terra que Deus te entregou”.

As relações de Patativa com a intelectualidade jovem do Cariri seriam reforçadas, no início dos anos 1980, pelo lançamento do jornal “Nação Cariri” e, no final dessa década, pelo Centro de Cultura Patativa do Assaré, desarticulado por pressões políticas.

Com o clima de caça às bruxas, Patativa teve de recuar em relação ao poema que fazia menção a Luís Carlos Prestes, modificando uma estrofe, para não sofrer novas retaliações. O original dizia: “Se um dia o Prestes alcançará vitora / A minha histora lhe contá eu vou / E peço a ele pra me dá meu sítio / Que o Benedito do meu pai tomou”.

A explicação de Patativa foi convincente: “Mas para publicar eu vi que não deu certo, aí eu mudei para: Minha vingança é que depois da morte / tem ele a sorte de viver aflito / lá nas cadeias do portão do inferno / tem fogo eterno para o Benedito”.

Em 1970, a trajetória de Patativa ganhou um grande impulso com a publicação de “Novos Poemas Comentados”, pela Imprensa Universitária (Fortaleza): “Esse livro eu não posso dizer que ele é meu, porque o comentarista do livro é o J. de Figueiredo Filho. A poesia é toda minha, mas o livro foi apresentado por ele”. Esse livro ganhou reedição em 2004, pelo Museu do Ceará, pelo centenário de nascimento de J. de Figueiredo Filho.

O folclorista Filgueiras Sampaio, seu primeiro anfitrião em Fortaleza, promovia suas apresentações e o incluiu em seu “ABC do Folclore”, publicado no início dos anos 1970.

Dois fatos, acontecidos em 1973, deixaram sequelas: o atropelamento, em Fortaleza, ao atravessar a Avenida Duque de Caxias, na altura da Praça do Coração de Jesus, que comprometeu uma perna e lhe fez usar muleta até o final de seus dias. Sua recuperação implicou uma viagem ao Rio de Janeiro e uma internação no Hospital São Francisco onde, mesmo doente, tinha tempo para poetar e instigar as freiras reclamando da comida sem sabor: “E achando que ainda não chega / a nossa grande aflição / tirou também a mantêga / de botar no nosso pão”. Chamado à atenção por reclamar da dieta hospitalar, disse que estava reclamando do santo patrono da casa de saúde, na melhor tradição do pícaro.

O outro fato foi a apropriação de um de seus poemas, que lhe rendeu uma notoriedade que ele preferia ter evitado. “O vaquêro”, poema publicado como folheto de cordel, em tom de aboio, teve uma parte musicada por Raimundo Fagner e foi incluído, com o título de “Sina” (“Eu venho dêrne menino, / dêrne muito pequenino, / cumprindo o belo destino/ que me deu Nosso Senhor. / Eu nasci pra sê vaquêro, / o mais feliz brasileiro / eu não invejo dinhêro / nem diploma de dotô”), no disco “Manera Fru-Fru”, de 1973, mas a autoria não lhe foi atribuída, apesar de todo o mal-estar, mesmo com

o lançamento em CD, 25 anos depois. Hoje, está tudo bem esclarecido: “Sina” é de Fagner, Ricardo Bezerra e Patativa do Assaré.

A questão lhe rendeu, posteriormente, aproximação com o compositor de Orós, com quem se encontrou, depois de insistentes chamados, no Crato, e, após muitos pedidos de desculpas, redundou na gravação, de “Vaca Estrela e Boi Fubá”, em 1980: “Eu tinha um cavalo bom / gostava de campeá / e todo dia aboiava / na portêra do currá / Ê, ê, ê, ê, Vaca Estrela / Ô, ô, ô, ô Boi Fubá”.

Esse registro sonoro lhe causou ainda mais aborrecimentos porque havia autorizado sua gravação por Luiz Gonzaga e, não tendo sido feita no tempo combinado, provocou uma carta de Patativa ao “Rei do Baião” desfazendo o acordo.

Com Fagner, Patativa fez apresentações em conjunto (Festival de Verão de Guarujá, Memorial da América Latina) e foi homenageado, em forma de música, por “Passarim de Assaré”, parceria de Raimundo com Fausto Nilo.

O poeta nunca foi de se dobrar e, quando a ditadura era corroída pela organização da sociedade civil, publicou no semanário *Movimento* (1977), um dos veículos mais significativos da chamada imprensa alternativa, a

15 de dezembro de 1980, um poema no qual se posicionava contra a expulsão do país do padre italiano Vito Miracapillo, recusado pelos jornais cearenses: “Mesmo vivendo do Brasil distante / Deus estará contigo a todo instante / Miracapillo, protetor dos pobres”.

Patativa participou da luta pela anistia com a “Lição do Pinto”, ao mesmo tempo metafórica e didática: “O pinto dentro do ovo / aspirando um mundo novo / não deixa de beliscar / bate o bico tico tico / bate o bico, bate o bico / para poder se libertar”.

Subiu aos palanques, com as principais lideranças oposicionistas brasileiras, emocionou multidões e, ao mesmo tempo, teve seu clássico “Cante lá que eu canto cá” publicado pela Editora Vozes, em 1978.

Aliás, foi o “Cante lá”, que lhe deu o reconhecimento dos meios intelectuais e possibilitou sua leitura, por maiores contingentes de público, graças à distribuição nacional e às sucessivas reedições (em torno de 15) que ganhou.

Ainda em 1979, ele foi homenageado pela programação cultural do encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), então um dos principais fóruns contra o arbítrio e espaço da luta pela redemocratização do país, realizado em Fortaleza. O tema do

encontro foi tomado de empréstimo ao poeta: “Cante lá que eu canto cá”.

Neste contexto, ele lançou seu primeiro disco “Poemas e Canções” e participou do movimento “Massafeira”, no Theatro José de Alencar, onde declamou o poema “Senhor Doutor”, incluído em álbum duplo lançado tempos depois.

Em 1981, lançou o disco “A Terra é Naturá”, que ganhou resenha assinada por José Ramos Tinhorão, no “Jornal do Brasil” (2/9/1981), cujo título fazia menção à “poesia em estado puro”. O texto dizia: “Emoção é o melhor aplauso que se pode oferecer a esse grande poeta do povo que é o cearense Patativa do Assaré”.

O Brasil que emergia de uma longa noite de censura à liberdade de expressão, com novos partidos políticos, movimentos sociais organizados e a expectativa de tempos melhores, iria encontrar Patativa do Assaré, na casa dos setenta, reconhecido como um intelectual que o teórico marxista italiano Antonio Gramsci chamaria de “orgânico”.

A sabedoria de vida e a visão crítica do mundo o transformaram em um símbolo apropriado pelas esquerdas, que viam nele o poeta da resistência, e, pela direita, que exaltava sua autenticidade, na valorização do tradicio-

nal e do genuíno. Patativa pairava acima dessas querelas, pela importância de seu cantar ser maior que os rótulos a ele atribuídos.

Modesto, ele continuou o mesmo poeta roceiro, o que não o impediu de estar sintonizado com as transformações sociais e de reclamar por uma Reforma Agrária, por um ideal de justiça e ao denunciar as mazelas, sem que sua poesia se transformasse em manifesto ou perdesse sua qualidade estética. E não deixava de provocar os artistas cuja fama subia à cabeça, como fez por meio do poema “O sabiá vaidoso”.

Foi esse Patativa que também se envolveu na luta pelas “Diretas-Já”, fazendo a avaliação dos 20 anos de arbítrio: “Neste espaço dos vinte anos / que a gente entrou pelo cano / a confusão é completa / mode a coisa miorá / nós vamos brada e gritá / pelas inleição direta”.

Poeta do povo

*Poeta. Cantô da rua
Que na cidade nasceu
Cante a cidade que é sua
Que eu canto o sertão que é meu*

As relações de Patativa do Assaré com a Indústria Cultural nem sempre foram amistosas. Ao fascínio da superexposição, ele respondeu com sua acentuada timidez e fugiu dos refletores, como se tivesse dificuldade em lidar com essa parafernália de instrumentos e com esses códigos. O poeta zombou dos “quinze minutos de fama” porque sempre teve a dimensão do eterno.

Outro ponto a se destacar foi a necessidade, em função de sua cegueira, de mediadores, os quais tornaram essas relações ainda mais complicadas e ambíguas.

Patativa, nesse processo de reconhecimento, foi personagem de um super-8 de Rosemberg Cariry, em 1979, que fez com que sua exibição fosse inacessível, durante muito tempo, tendo sido recuperado e com trechos

editados no longa-metragem “Patativa do Assaré- Ave Poesia”, que estreou no Cine Ceará, em Fortaleza, no ano de 2007.

Ele foi protagonista do filme “Um poeta do povo”, de Jefferson de Albuquerque Jr. e Rosemberg Cariry, rodado em 1984, em cores, na bitola 16 mm, depois ampliada para 36 mm. Vencedor de alguns festivais (Brasília, Bahia), o curta se inscreveu como um momento significativo do registro de sua figura pelas imagens em movimento.

Nesse mesmo ano (1984), um grupo de concludentes do Curso de Comunicação Social da UFC fez um vídeo documentário em que sua produção poética e sua figura foram exaltadas, o qual consta do acervo da TVC.

Exercitando, mais uma vez, sua cidadania e participando de um instante difícil da vida do Nordeste, assolado por enchentes, em 1985, Patativa fez a letra de “Seca d’Água”: “É triste para o Nordeste / o que a Natureza fez / mandou cinco anos de seca / uma chuva em cada mês / e agora em 85 / mandou tudo de uma vez”, cuja encomenda recebeu pelo telefone. A melodia foi criação de um grupo de artistas, com Fagner, Chico Buarque e Milton Nascimento à frente.

Nesse mesmo ano, por meio de um projeto cultural, o Banco do Estado do Ceará lançou um disco com seus poemas, que ele rejeitou, por causa de algumas composições terem sido mutiladas, em função do tempo de duração, o que ele não admitiria nunca.

Em 1988, sua bibliografia foi acrescida de mais um título: “Ispinho e Fulô”, editado pela Imprensa Oficial do Ceará (Ioc) que, depois de ser reeditado pela Uece, hoje integra o catálogo da Hedra.

Ainda nesse ano, se submeteu a uma cirurgia de transplante de córnea em um centro oftalmológico de Campinas (SP) e recuperou a visão, o que seria antecipado por um improviso otimista: “Estou a córnea aguardando / esperançoso e contente / pensando de quando em quando / que voltarei novamente / vendo a imensa beleza / das obras da natureza / preciosas e perfeitas / depois da operação / do famoso doutor João / Alberto Holanda de Freitas”.

Depois de uma volta emocionada e de cinco anos de saúde, ele começou a cegar, paulatina e definitivamente, por conta de uma atrofia irreversível do nervo ótico.

Nesse meio tempo, colecionou honrarias: Cidadão de Fortaleza; Amigo da Cultura; “batizou” o Centro

Acadêmico do Curso de Letras, da UFC, e ganhou a Medalha da Abolição.

A série de homenagens culminou, em 1989, com o título de Doutor Honoris Causa, da Universidade Regional do Cariri (Urca), de ter lançado mais um disco, o “Canto Nordestino”, produzido por Rosemberg Cariry, além do compacto em vinil “80 Anos de Luz”, com poemas dele e composições de autores do Cariri.

Patativa foi enredo, nesse mesmo ano, da “Escola Prova de Fogo”, do Crato, cujo samba de Chicão da Portela cantava: “Que beleza, que genial / Patativa brilhando / neste carnaval”, tendo o poeta participado do desfile. Em 1991, tinha sido enredo de “A Corte no Samba”, de Fortaleza e, em 2001, foi homenageado pelo carnaval de Barbalha (CE), com o samba “Estrela do Ceará”, de autoria de Toinho, George e Friaça.

Também deu seu nome à rodovia, com 18 km de extensão, que liga Assaré a Antonina do Norte, passou a ser nome de escola, de rádio comunitária e da adutora de abastecimento de água de sua cidade, que sempre foi uma reivindicação sua: “Lhe digo, juro e dou fé / a minha grande tristeza e mágoa / é não haver boa água / no meu querido Assaré”.

Organizador de “Balceiro”, juntamente com o primo, o poeta Geraldo Gonçalves, seu principal parceiro

de disputas, reuniram, nessa coletânea, parte da produção da comunidade poética da Serra de Santana e do Assaré. “Balceiro” ganhou um novo volume, depois da morte de Patativa (“Balceiro 2”), além do registro em livro, também póstumo, das brincadeiras poéticas que desenvolviam, quando o poeta pássaro subia a serra e “duelavam” a partir de um mote, em torno de uma mesa de umburana. Geraldo, cuidadoso, tratou de registrar essas peijas que foram publicadas com o título de “Ao Pé da Mesa” (2002).

A Serra é pródiga em poetas, o que Patativa atribuía, sem falsa modéstia, ao que ele chamava de “fonte patativana”. Influenciados pelo fato de ouvir sempre o poeta dizer seus versos, apareceram além de Geraldo (“Suspiros do sertão” e “Clarão da Lua Cheia”), seu irmão Maurício Gonçalves (“O sertão é minha terra”), Manoel Calixto (“Manoel Calixto e seus admiradores”), Cícero Batista (“O caipirinha do amor”), além de sua neta Toinha Cidrão, João Lino, Flávio (filho de Maurício), dentre outros que continuarão a surgir.

Curiosa essa comunidade que reforçou o papel de Patativa como semente. Convidados a falar sobre o poeta maior, os outros fazem menção ao “dom” e o têm como a voz matricial, o fundador dessa escola de camponeses

que fazem da poesia um instrumento de expressão e de inserção social.

Ainda no capítulo dos laudatórios, que tiram partido de sua importância pública, noites de viola, festas aniversárias, mais medalhas, estudos sobre a obra (Plácido Cidade Nuvens), Mestrado em Lingüística–UFC (Silvana Militão), Doutorado em Sociologia–UFC (Tadeu Feitosa), Mestrado e Doutorado em Literatura–FFLCH-USP (Cláudio Andrade), Mestrado em Letras–Universidade Estadual de Feira de Santana (Orlando Freire Junior), Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade -Universidade de Caxias do Sul (Antonio Iraildo Alves de Brito) e Mestrado em Ciências da Religião–PUC de São Paulo (Emerson Sbardelotti), antologias (Gilmar de Carvalho e Cláudio Portella) e o espetáculo único da *performance*, pretexto para o poeta dizer seus poemas, o grande momento em que esse homem franzino se agigantava e seu corpo todo expressava o verso eloqüente.

O cordel do poeta

*O meu livro é naturá
É o má, o céu e a terra
Cum a sua imensidade.
Livro cheio de verdade
De beleza e de primô,
tudo incadernado, iscrito
pelo pudê infinito
do nosso Pai Criadó.*

Patativa tinha uma certa rejeição ao folheto de cordel. Parecia a ele muito frágil e suporte de narrativas pouco consistentes ou engajadas.

Vale ressaltar a importância recorrente do livro, no campo da criação tradicional popular. Todos sonham em chegar ao livro, como objeto revestido de aura, prestigiado, que daria ao poeta um outro estatuto e o colocaria em outro patamar.

São freqüentes os exemplos de cordelistas que reuniram em livro sua produção de folhetos. Pode-se dizer, sem medo de cair em generalizações apressadas que todos os

que puderam recorrerem a esse expediente, do piauiense Hermínio Castello Branco, autor da “Lyra Sertaneja”, nas últimas décadas do século XIX, ao Cego Aderaldo, que ditou seus repentes ao folclorista Eduardo Campos, nos anos 1960, passando por expoentes de todos os Estados brasileiros, em contextos diferentes.

Patativa fazia questão de distinguir o poeta do que ele chamava de “versejador”, categoria na qual ele incluía os poetas de bancada, com poucas exceções, como Expedito Sebastião da Silva (1928-1997).

Essa idéia pejorativa do folheto de cordel não o impediu, no entanto, de ter feito alguns folhetos e de ter autorizado a republicá-los pelo projeto editorial da Secretaria da Cultura, em 1993, que reuniu, em uma caixa, parte de sua produção em formato de cordel, composta por 13 títulos.

A caixa, editada com o apoio da Prefeitura de Juazeiro e da Urca, foi produzida na Lira Nordestina, com capas em xilogravuras cortadas especialmente para essa edição e o cuidado em manter a feição original, com o recurso à composição manual, uso do papel jornal e manutenção do formato padrão.

Foi relançada com o título de “Cordéis”, pelas Edições UFC, em 1999, quando da entrega do título de

Doutor Honoris Causa ao poeta, em outubro desse ano, relançada, em 2006, com o título de “Cordéis e outros poemas”, e incluído na lista dos livros para o vestibular da UFC (2007/2008).

Alguns folhetos ficaram de fora, por terem sido perdidos, como “O diabo tolo” ou “O vício da embriaguez”, em função da precariedade do suporte e da falta de zelo de Patativa com sua própria produção.

Trabalhei com a probabilidade de alguns desses e de outros folhetos constarem da coleção do pesquisador professor Átila de Almeida, adquirida pela Prefeitura de Campina Grande, mas a expectativa mostrou-se vã, quando o acervo foi aberto ao público e eu estive lá mais de uma vez.

Patativa fez folhetos de encomenda, como as “Glosas sobre o comunismo”, publicado em 1946, quando o Partido Comunista esteve na legalidade e participava do processo eleitoral. A Igreja Católica, por intermédio do padre David Moreira, capelão da localidade de Santa Teresa (hoje, Altaneira, cidade vizinha a Assaré), fez a encomenda ao poeta dos versos desenvolvidos a partir de motes como “Quem apóia o comunismo / gosta do diabo também”, “O comunismo fatal / não queremos no Brasil”, “O regime comunista / é contra a religião” ou “Na doutrina de Lenin / só reina a imoralidade”, dentre outros.

Avaliando, anos depois, aquela produção, Patativa sugeria não ter tido alternativa senão escrever o folheto, em um período em que a Igreja tinha enorme poder de pressão sobre a sociedade, mas nunca esboçou qualquer idéia de exclusão desse folheto do corpo de sua produção.

No livro “Inspiração Nordestina”, ele tentou inverter o mote e improvisou: “A nossa crise fatal, / cada dia mais aumenta/ o pobre já não agüenta/ esta opressão atual/ o peso deste costal / é carga pra mais de um trem/ isso assim não nos convém / o povo está revoltado / coronel, tenha cuidado / que o comunismo vem aí”.

O “Padre Henrique contra o Dragão da Maldade”, sugestão de Dom Helder Câmara, que enviou emissário ao Assaré para fazer a encomenda, tratava do assassinato de um jovem padre da Igreja progressista, que trabalhava com o arcebispo de Recife e Olinda, com requintes de crueldade, pelas forças da repressão: “Estava o corpo do padre / de faca e bala furados / também mostrava ter sido / pelo pescoço amarrado / provando que antes da morte / foi bastante judiado”.

Patativa assinou o folheto, o que poderia ter-lhe trazido conseqüências, como aconteceu quando ele foi ameaçado de prisão, com mandado que foi relaxado, por conta do poema “Caboclo Roceiro”.

Retomou a narrativa tradicional com a “História de Aladim e a lâmpada maravilhosa”, a partir da coletânea árabe “As mil e uma noites”, cuja leitura e influência ele admitiu: “Na cidade de Bagdá / quando ela antigamente / era a cidade mais rica / das terras do oriente / deu-se um caso fabuloso / que apavorou muita gente”. Este folheto foi dado de presente a José Bernardo da Silva (1901-1972), alagoano radicado em Juazeiro do Norte, que com sua Tipografia São Francisco, depois Lira Nordestina, foi um dos maiores editores de folhetos de cordel de todos os tempos.

Na “História de Abílio e o seu cachorro Jupi”, o ponto de partida foi o cancionero ibérico: “Onde quer que Abílio fosse / sempre ele o acompanhava / passava o dia a seu lado / dele não se separava / e a noite rondando o prédio / raivosamente ladrava”.

A “Triste Partida” trazia a letra da música que falava do êxodo do nordestino por conta da seca: “Passou-se setembro / outubro e novembro / estamos em dezembro / meu Deus que é de nós / assim diz o pobre / do seco Nordeste / com medo da peste / e da fome feroz”.

No “ABC do Nordeste Flagelado”, modalidade da cantoria e do cordel, que versava da letra A à letra Z, o poema é marcado pela denúncia contundente da situação do agricultor, em que o aspecto político se sobre-

põe à pieguice ou à falta de contextualização histórica, econômica e social com que a questão da seca tem sido tratada muitas vezes: “Tudo é tristeza e amargura / indignância e desventura / Veja leitor, quanto é dura / a seca no meu sertão”.

Já no folheto “Emigração e suas conseqüências”, que fez parte da participação do artista plástico Stênio Diniz em uma Bienal Internacional de São Paulo, o poeta cantava: “Eu sou poeta da roça / tenho mão calosa e grossa / do cabo das ferramentas”, fazendo da temática social, uma das marcas de sua criação e revisitando, de certo modo, a “Triste Partida”, provavelmente composta durante a seca de 1958.

“Vicença e Sofia” foi um libelo anti-racista, a partir do preconceito de uma mãe contra a namorada negra e fiel de seu filho que se contrapunha, no enredo, à outra noiva, loira e traiçoeira, do irmão: “Vou dar uma prova franca / falando pra seu dotô / gente preta e gente branca / tudo é de Nosso Senhor”.

“Brosogó, Militão e o Diabo” subvertia o estereótipo do demônio: “Eu sou o diabo a quem todos / chamam de monstro ruim / e só você neste mundo / teve a bondade sem fim / de um dia queimar três velas / oferecidas a mim” e concluía, ironicamente, que “toda história de diabo/ tem um pipoco no fim”.

“As façanhas de João Mole”: “Sadio, robusto e moço / mas de apanhar da mulher / já estava de couro grosso”, se inscreveu na linha do humor, apesar do ranço machista.

O “Doutor Raiz” contestava os curandeiros das ervas medicinais: “Vai pela estrada passando / o safado preguiçoso / dizendo: – Eu trago meizinha / pra enxaqueca e nervoso/ remédios especiais / de um efeito poderoso”.

“O Meu Livro” exaltou a natureza: “Meu nome é Chico Braúna / eu sou pobre de nascença / diserdado de fortuna / mas rico de consciença. / Nas letra num tive estudo / sou mafabeto de tudo / de pai, de mãe, de parente. / Mas tenho grande prazê / pruruê aprendi a ler / duma forma diferente”.

Espécie de manifesto estético de sua poética, esse poema/folheto trabalha com a metáfora de a natureza ser o grande livro, onde o poeta aprendeu a ler o mundo, o que antecipou o ponto de vista ecológico visto, durante algum tempo, como desvio de lutas políticas mais consequentes.

A inclusão de “Saudação ao Juazeiro do Norte” (“Mas teu nome verdadeiro / será sempre Juazeiro / do Padre Cícero Romão”), se justificou pela importância que a cidade do Padre Cícero ganhou como referência da tradição popular.

Pouco depois de sua morte, localizei na coleção do bibliófilo Thomás Pompeu Gomes de Matos, em Fortaleza, um exemplar do folheto “O Crime de Cariús”, publicado, em 1942, com o pseudônimo Alberto Sipaúba, um pretense trovador pernambucano.

O folheto narrava a morte do farmacêutico Carlos Gomes de Matos, a mando de um colega e concorrente, nessa cidade do centro-sul cearense: “Ali, meia noite em ponto / quem pela rua se lança / vê um grupo de assassinos / que pelas trevas avança / e a alma de um farmacêutico / clamando, a pedir vingança”.

O cordelista e pesquisador Arievaldo Viana me emprestou, em 2009, um exemplar de “A morte de Artur Pereira”, folheto de Patativa, datado de 1944, que conta a história de uma filha que envenenou o pai, no município de Arneiroz, pela oposição dele a um casamento que ela arranjava: “Vou contar um triste fato / de nos causar emoção / Uma moça em Inhamuns / Tendo um ‘falço’ coração / Matou o seu próprio pai / Por meio de uma traição”.

Mesmo não tendo sido um poeta de bancada, na acepção do termo, na falta de agilidade na produção para dar respostas às exigências do mercado, o que ele fez ecoa as narrativas tradicionais, a partir de sua visão de mundo, no formato tradicional do cordel.

Mídia nacional

*Sofremos em nossa vida
Uma batalha renhida
Do irmão contra o irmão
Nós somos injustiçados,
Nordestinos explorados
Mas nordestinados, não*

Ganhando expressão nacional, Patativa passou a receber convites e não deu conta de atender a todos.

Disse poemas no “Som Brasil”, da Rede Globo, em 1981, programa conduzido por Rolando Boldrim, um dos que gravaram “Vaca Estrela”.

Ainda no capítulo das comunicações de massa, participou da novela “Renascer”, também da Rede Globo, em 1993, contracenando com Jackson Antunes e declamando o poema “Lamento de um Nordestino” e deu entrevista ao Jô Onze e Meia, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), em 1994.

Nesse mesmo ano, lançou seu livro “Aqui tem coisa”, na I Feira Brasileira do Livro de Fortaleza, e o vinil

“85 anos de poesia”, produzido por Dílson Pinheiro, transformado, três anos depois, em seu primeiro CD.

Em 1995, recebeu o prêmio do Ministério da Cultura, na categoria Cultura Popular, das mãos de Fernando Henrique Cardoso, no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, quando foi agraciado com mais uma láurea, dessa vez a Medalha José de Alencar, outorgada pelo governo do Estado.

Foi homenageado pela III Feira Brasileira do Livro de Fortaleza, em 1998, tendo sido homenageado pela exposição “De um pingo de água um oceano de rimas”, com curadoria de Dodora Guimarães.

Por ocasião das festas de seu nonagésimo aniversário, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual do Ceará (Uece), ganhou de presente a terceira edição da “Inspiração Nordestina”, recebeu homenagens como a gravação de dois discos só com poemas seus, um musicado por Gildário (“Contos de Patativa”) e “José Fábio canta Patativa do Assaré”, do garoto de Nova Olinda que foi tentar carreira em São Paulo.

O grande fato do nonagésimo aniversário foi a inauguração do Memorial, em sua cidade, reunindo documentos, fotografias, gravação em CD dos discos,

imagens em movimento na tecnologia do vídeo, folhetos de cordel, medalhas, esculturas e até a viola com que se apresentou em Recife, com projeto expográfico de André Scarlazzari.

As homenagens não pararam por aí: Patativa foi matéria de programas nacionais (Globo Ecologia), da mídia impressa (revista *JÁ*, do *Diário Popular*, de São Paulo, e capa da “Ilustrada”, da *Folha de S. Paulo*) e tem sido objeto de reflexões acadêmicas, por meio da apresentação de *papers* em colóquios de semiótica, lingüística, antropologia e filosofia.

O reconhecimento chegou às antologias (“NORdestinos”, da Fundação Joaquim Nabuco; “Letras ao Sol”, da Fundação Demócrito Rocha e “Cahiers Bleues- Poésie du Nordeste du Brésil” publicada em Troyes, França). Na coletânea “Brasil Bom de Bola”, seu poema foi ilustrado por fotografias de Tiago Santana e ele ganhou destaque no livro didático “Um certo planeta azul”, de Luiza de Teodoro Vieira.

Paradoxalmente, continuou a ser rejeitado pela história oficial da literatura cearense, que ainda faz questão de excluí-lo de seu cânon, e pelas instituições literárias que não o acolheram em seus quadros (ainda que ele não fizesse questão de participar de grêmios ou acade-

mias). Até sua condição de poeta chegou a ser questionada, muitas vezes, como forma de desqualificá-lo.

Quando se fala tanto do poeta seria o caso de se perguntar quem foi Patativa do Assaré? Até que ponto o mito soterrou o homem e Antonio Gonçalves da Silva passou a ser uma personagem?

Descontraído, quando estava entre amigos, deixava aflorar o espírito brincalhão, capaz do improvisado mais ágil e da recitação do poema que surpreendia e emocionava as pessoas.

Outras vezes, quando recebia visitas, o mito se presentificava. Patativa não frustrava as expectativas do grupo de visitantes e dizia o discurso pronto, preparado para os pouco exigentes, que se satisfaziam, com o óbvio. Era a hora das fotografias, dos vídeos caseiros, dos autógrafos e todos saíam felizes de terem sido recebidos na casa do poeta.

Depois se fechava, como se só os iniciados tivessem o direito de vê-lo sem a *persona* severa com que se defendia do assédio. Assim ele se protegia da solidão, com o bodejado dos versos que poucos ou ninguém compreendia, sozinho, na cadeira de balanço, recortada na contraluz do fim do corredor, com a silhueta se projetando em nossas retinas para sempre.

O homem mantinha sua rotina: dormia cedo, acordava ainda de madrugada, tomava um parco café da manhã e, sempre limpo e bem vestido, se sentava na cadeira de balanço e palhinha. Preferia ficar na sala, no fundo do corredor, para aproveitar o vento.

Quando estava fumando, pedia café, no que era prontamente atendido por dona Lúcia, e acendia um cigarro, que ele dizia ativar sua inspiração. Podia ser um mero álibi, mas, com certeza, melhorava, consideravelmente, seu humor.

Comia com extrema moderação. Não gostava de carnes vermelhas, preferindo peixes e frangos. Nada de saladas. Pouco arroz e feijão e nada de farinha. No jantar, preferia uma papa de leite e amido de milho, antes de se recolher.

Estava sempre bem arrumado, mas não deixava de cuspir, o que muitas vezes atingia sua roupa limpa ou mesmo os visitantes. Tossia com frequência. Pensando bem, de nada adiantaria lhe tirar o prazer de um cigarro. Ele ficava exasperado quando insistiam nessa privação. Perdia o bom humor, ficava irritadiço e até mesmo grosseiro, como se perdesse as rédeas de sua vida e deixasse de ser o “Sinhozinho” da dona Belinha, amoroso e autoritário, ao mesmo tempo.



Mais política

*A Reforma Agrara sai
Que achem bom ou ruim
Seja na guerra ou na paz
Seu Dotô a gente faz
Reforma Agrara é assim*

Patativa se aproximou de Tasso Jereissati, a partir da campanha política de 1986. A história, longa e curiosa, merece ser contada. Pedro Bandeira, violeiro, então vereador, pelo Partido da Frente Liberal (PFL, hoje DEM), em Juazeiro do Norte, difundiu, em um programa de rádio, que Tasso era comunista, porque apoiado pelo Partidão e pelo PCdoB, e quem estaria dizendo isso era Patativa, como uma forma de se respaldar na imagem do poeta.

Ele que, por volta de 1946, escrevera umas glosas por encomenda de um padre preocupado com a legalidade dos comunistas, não quis cair na armadilha preparada pelos “velhos coronéis”, mandou um recado para o “galeguinho”, como então era tratado, carinhosamente,

Tasso Jereissati, pela ascendência árabe e pelos cabelos louros, e subiu aos palanques, espontaneamente, pedindo votos para o “candidato das mudanças” (proprietário de *shopping center*, engarrafador da Coca-Cola, acionista das ferragens La Fonte e dono de imobiliária, lançado pelo PMDB ao governo do Estado).

Patativa lembrava parte de um improvisado que fizera: “Camponeses meus irmãos / e operários da cidade / é preciso dar as mãos / e gritar por liberdade / em favor de cada um / formar um corpo comum / operário e camponês / e todos no mesmo abraço / votar no doutor Tasso / candidato de vocês”.

Complicada a relação desse símbolo, com toda sua trajetória de coerência, com o político neoliberal que cumpriu três mandatos à frente do governo do Estado, hoje senador pelo Ceará, pela legenda do PSDB. Mas as razões que, inicialmente, eram políticas, como de boa parte das esquerdas (menos do PT, que teve candidato próprio do governo, o padre Haroldo Coelho), assumiram um tom decididamente afetivo.

Tasso Jereissati passou a ser uma referência para Patativa. E o maior favor do qual ele se sentia devedor ao líder político era o de não ter deixado sua Serra de Santana se desmembrar de Assaré, quando da elevação

a município do distrito de Tarrafas (21 de outubro de 1988). Dizia brincando que deixaria de ser Patativa do Assaré para ser Patativa de Tarrafas.

Essa ligação afetiva, da qual se beneficiou Ciro Gomes, não o impediu de ter votado em Lula, o candidato do PT, em suas três pretensões de chegar à presidência da República, tendo dado inclusive declarações públicas de seu voto: “Sou caboclo do sertão / na minha vida precária / eu nunca tive paixão / por política partidária / sou apenas eleitor / e dentro desse setor / não digo palavra nula / quem me ouvir fique ciente / não voto no Fernando Henrique / e o meu candidato é Lula”.

Em relação a FHC, ele foi de uma ironia fina, aproximando, em um repente, o sociólogo tucano do homônimo alagoano Collor: “Digo e não peço segredo / Eu não sei de onde ele vem / Mas estou com muito medo / Ele é Fernando também”.

Esse episódio é pouco representativo diante de uma trajetória de coerência e luta construída por Patativa ao longo de uma vida inteira.

O apoio precisa ser compreendido em função do contexto da época, quando a eleição do então jovem empresário, alavancada pela atuação do Centro Industrial do Ceará, entusiasmava a maior parte dos cearenses.

A partir da atuação desse fórum, liderado por Beni Veras (depois senador e vice-governador do Estado), figuras destacadas da política e da economia brasileiras deram palestras em Fortaleza, como Luis Inácio Lula da Silva, reforçando esse grupo que tinha pretensões políticas e vinha com um discurso de renovação e de afastamento dos coronéis (Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals) que deram as cartas durante o período autoritário.

O então governador Gonzaga Mota (1983-1986), ex-secretário de Planejamento de Virgílio Távora, apoiou Tasso Jereissati, ele que já apoiara antes Tancredo Neves e não Paulo Maluf no Colégio Eleitoral, em 1985.

Patativa não foi ingênuo ao apoiar Tasso, tampouco ganhou nada no plano pessoal, além de vínculos que usou em favor da comunidade. Esse apoio passou a ser incômodo pelos rumos que a trajetória de Tasso Jereissati tomou depois, de ruptura com os movimentos sociais, ensimesmado e distanciado do povo que o elegeu para administrar o Estado com a mesma “lógica” com a qual administrava suas empresas.

Patativa não chegou a esboçar sinais de afastamento, ainda que não demonstrasse mais muito entusiasmo.

Sua ética pessoal era fundada na lealdade sertaneja e, assim, ele continuou sem fazer críticas públicas ao candidato das mudanças até o fim de sua vida, quando seu enterro se transformou num espetáculo, com aviões trazendo políticos, artistas, e da luta para segurar a alça do caixão de um morto que renderia votos em pleitos vindouros.

A relação com *Ciro Gomes*, que sucedeu a *Tasso Jereissati* no governo do Ceará, se deu por proximidade, melhor dizendo, por contigüidade.

Patativa continuou a se declarar eleitor de *Lula*, mas não chegou a ver o líder metalúrgico no poder.

Mais importante que apontar contradições ou buscar paradoxos em uma trajetória marcada pela coerência seria ressaltar que o poeta não se deixou seduzir pelo fascínio da Indústria Cultural, tampouco pelo brilho fugaz dos palanques, pelos aplausos e muito menos pelos cachês (que nunca recebeu) dos políticos.

Pode-se ver essa relação como tantas outras, como o folheto de encomenda contra o comunismo, a bebedeira renegada, a cantoria superada, como as idas e vindas de um ser humano, como todos nós, diferente pelos princípios éticos defendidos e pela retidão que marcou sua trajetória.



Exportação

*Seul le riche sur la terre
Conserve un nom dans l'histoire:
Le pauvre vainc la guerre,
Le riche obtient la victoire*

Diz-se, com muita frequência, que o Patativa do Assaré teria sido objeto de estudos na Sorbonne. Este fato se deveu à iniciativa do Professor Raymond Cantel, estudioso da literatura de folhetos, que esteve com o poeta quando visitou o Cariri, nos anos 1960.

Cantel lia e discutia poemas de Patativa em seus seminários. Quem atesta esta assertiva, com a emoção da lembrança, é a professora da UFC (Letras Estrangeiras) Martine Kunz, orientanda de Cantel, que participou destes seminários.

Ele esteve no Nordeste, ouviu poetas e editores e adquiriu folhetos para a coleção de cordel que, depois de sua morte, passou para o acervo da Universidade de Poitiers, sob a guarda de Ria Lemaire, estudiosa que mantém estreitos laços com o Brasil, e conheceu o poeta em 2001.

No início dos anos 1980, chegou à Serra de Santana o inglês Colin Henfrey, professor da Universidade de Liverpool. Passou uns dias na companhia de Patativa e dona Belinha e traduziu o poema “Caboclo Rocceiro”, publicado no livro “Patativa e o universo fascinante do sertão”, de Plácido Cidade Nuvens: “Peasant farmer way up in the north / Living luckles and landless, with no where to sleep / Yours is a bitter lot that I sing of, / Your story is one to make we weep”

Patativa relembrava a passagem de Colin e jurava que ele tinha sido morto na Guerra das Malvinas, que eclodiu pouco depois (1982).

Depois da morte do Patativa, mandei e-mails e recebi respostas formais e bem educadas. Colin teria iniciado conversações com a editora Macmillan, de Londres, para a publicação de um livro do poeta. O projeto não foi para a frente e não se falou mais nisso.

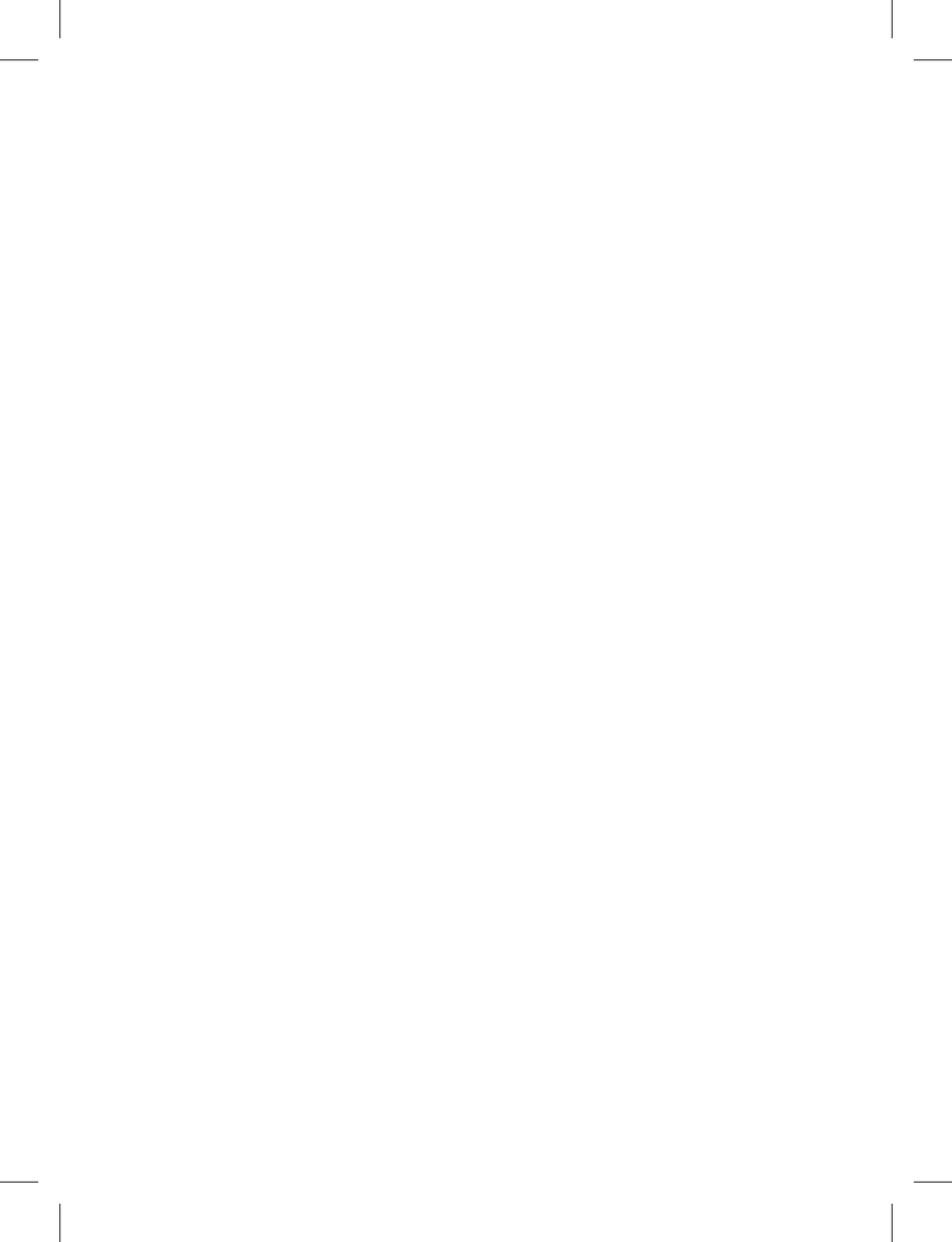
Nos anos 1990, passou por Fortaleza o poeta francês Jean-Pierre Rousseau, casado com uma cearense. Organizou uma coletânea de poetas nordestinos e a traduziu para o francês. Patativa participou com sete poemas, todos dentro da chamada “norma culta”. A coletânea foi publicada na França, em 2002.

Na primeira década deste século XXI, chegou à UFC um jovem italiano me propondo co-orientação em uma pesquisa que desenvolvia no Ceará, no campo da literatura. Chamava-se Carlo Beschi. Ao concluir a pesquisa, antes de voltar para a Itália, Beschi me entregou um competente texto sobre o poeta e alguns poemas do Patativa traduzidos por ele.

Segue uma amostra do “Caboclo Roceiro” em italiano: “Meticio agricoltore delle piaghe del nord / Che vivi senza sorte, senza terra / senza casa / La tua disdetta tristemente to canto / Quando ascolto il tuo pianto mi metto a piangere”.

Sylvie Debs, estudiosa de cinema, professora em Strasbourg conheceu Patativa no Cariri, nos anos 1990, convidada para visitar a região pelo cineasta Rosemberg Cariry, então Secretário de Cultura do Crato. Manteve contatos com o poeta, organizou o volume “Patativa do Assaré”, para a Biblioteca do Cordel, da editora Hedra, de São Paulo, em 2001 e assinou o ensaio de apresentação do volume.

Estes nomes citados colocaram Patativa do Assaré em uma rede de contatos com o meio acadêmico e com leitores que passaram a se deleitar com seu canto “tipo exportação”.



Cotidiano

*Quero paz e liberdade
Sossego e fraternidade
Na nossa pátria natal
Desde a cidade ao deserto
Quero o operário liberto
Da exploração patronal*

Na cadeira de balanço, ele esperava as visitas, que eram muitas. Elas chegavam, invadiam a casa, ele gostava e sentia-se reconhecido.

Patativa almoçava por volta do meio-dia, com moderação e sem preocupações com o colesterol ou com o açúcar. Era chegado a um cuscuz com leite e queijo de manteiga, não gosta de carnes e pouco exigente em relação ao “de comer”, ao jantar uma prosaica papa.

Às vezes, abusava do cigarro, fazia planos de parar de fumar e compôs um poema nesse sentido, muito mais um elogio ao tabaco: “Certa vez um cigarro astucioso/ me falou com disfarce de ladrão / – para seres poeta primoroso / eu te ajudo na tua inspiração”.

As filhas se revezavam em seus cuidados, principalmente dona Lúcia, que morava com ele, mas o comando que prevalece é o de “Sinhozinho”.

Patativa descansava um pouco depois do almoço e voltava à cadeira. O roteiro previsível era quebrado quando de suas viagens à Serra.

Às segundas-feiras, a Serra descia até ele. A família vinha fazer compras e lhe tomar a bênção. Era quando Assaré regurgitava, movimentando o mercado onde pontificava dona Zenilda, com sua tapioca feita na hora, servida com linguiça caseira e café forte.

Era quando todas as conversas eram postas em dia, quando circulavam os violeiros e se ouviam as histórias do ferreiro mestre Aldísio, se compravam as cadeiras de madeira e couro curtido de mestre Sinval, podia-se esticar até a casa de Juvêncio, autor de uma escultura de Patativa em gesso e cimento, e fazer uma encomenda ao seleiro Joaquim de Cota. Assaré vivia seu grande dia.

Quando a saudade apertava, ele fazia o percurso às avessas, fretava uma caminhonete, levava alguns mantimentos para os filhos, e ia brincar de poesia com o Geraldo Gonçalves. Em volta de uma mesa, eles se revezavam nos motes e desenvolviam as estrofes, o primo por escrito, Patativa armazenava as suas na memória e as recitava com renovado vigor.

Estávamos diante de um torneio, com suas regras rígidas, ainda que marcado pelo prazer. Vencia a poesia, no ritmo ágil com que os versos se justapunham e formavam a estrofe. “Mote vai e mote vem”, propunha Patativa:

“Digo a verdade completa / Pois tenho rima de saldo / Com meu amigo Geraldo / Dou volta de bicicleta / Porque nasci poeta / Ele é poeta também / Por isto eu me sinto bem / Vamos à tarde brincar / Eu com Geraldo Alencar / Mote vai e mote vem”.

Retrucava Geraldo: “Nesta tarde de verão / Estou muito satisfeito / Sentindo dentro do peito / Badalar o coração / Não me falta inspiração / Nem a você falta também / O que eu tenho você tem / Você diz eu também digo / Hoje aqui no seu abrigo / Mote vai e mote vem”.

O mote da vez era “A chuva não quer chegar”, os rivais se concentravam para a peleja e Geraldo começava: “O nordestino padece / com este sol causticante / mesmo que no seco plante / a chuva não aparece / o povo reza uma prece / mas o sol é de amargar / para a pessoa plantar / no sertão esturricado / pois aqui no nosso Estado / a chuva não quer chegar”.

A resposta do poeta vinha súbita: “Vejo gente padeecer / da serra até o sertão / é verão, verão, verão / sem a

chuva aparecer / que é para a rama crescer / e a criação escapar / é o grande nosso penar / aqui no nosso terreno / quando vem é um sereno / a chuva não quer chegar”.

Na Serra, ele se soltava, ficava brincalhão, passeava, fazia visitas, lembrava o passado, mas sem cair numa nostalgia mórbida. O poeta voltava ao lugar de onde, se dependesse dele, nunca teria saído.

De chapéu de massa, calça de tecido sintético, camisa de mangas longas, Patativa, na Serra ou em Assaré, se locomovia como se estivesse em casa, dispensava guias e chegava a se irritar se alguém fazia menção de lhe dar a mão para lhe ajudar a atravessar uma rua ou descer uma calçada. Ele conhecia seus territórios como ninguém:

“Assaré dos meus amores / onde andei de beco em beco / caíram folhas e flores / só ficou o tronco seco”.

Racional, ele fugia das superstições, ainda que lembrasse, com saudades, da caipora e de outros bichos mitológicos do mato. Antes de dormir, “eu rezo um misteriozinho sem ninguém ver. Cada qual professa a sua devoção do jeito que quer, entende e pensa”. Era um espaço muito pessoal, para ser invadido.

Algumas fotografias e recortes de jornais ainda estão nas paredes de sua casa, em Assaré, que chegou a dividir as “romarias” com o Memorial. Hoje, o velho sobrado dos Cartaxo Rolim, comerciantes ricos, vindos da

Paraíba, - que foi escola, bordel e cadeia -, restaurado pela Secretaria da Cultura, recebe os ônibus de turismo, fluxo que não se reduziu depois de sua morte. Aliás, uma das ideias do Memorial, era a de contribuir para que o poeta pudesse ter um pouco de paz, mas ele gostava das visitas e, se ele estava ali, tão perto, por que não ir até ele?

Muita gente queria conhecê-lo, pessoalmente, fazer uma fotografia ao seu lado, gravar imagens em movimento.

Receptivo, ele tinha para os visitantes um discurso que satisfazia aos menos exigentes. Quem quisesse saber mais, precisava ter paciência, voltar outras vezes e tê-lo como uma pessoa e não como uma personagem.

Fazendo política, gracejo, bandalheira ou cantando a terra, não traía sua condição de camponês, suas mãos deixavam entrever o enfrentamento do chão esturricado do Nordeste e a voz calejada mostrava as marcas da enunciação dos poemas, feitas, tantas vezes quanto necessárias, para reconstruir o mundo do ponto de vista da justiça social.

Ele passava a certeza de que estávamos diante de um homem comum, porque fazia questão de ser igual a todos, mas diferente pela genialidade de uma poética marcada pela excelência, oportunidade e interferência no contexto social.



A força do mito

*Sem briga, questão, nem guerra,
Meça desta grande terra
Umás tarefas pra eu!
Tenha pena do agregado,
Não me dêxe deserdado
Daquilo que Deus me deu!*

Podemos dizer que Patativa seria a síntese de todos os poetas da tradição do Ceará. A expressão “popular” pode ser evitada, para não reforçar a necessidade que algumas pessoas têm de rótulos.

O material, por excelência, com que Patativa trabalhava sua poética era o canto imemorial. Só que ele atualizava essa tradição para o contexto contemporâneo, era onde entrava a Reforma Agrária, onde cabiam os meninos em situação de rua, e onde se reforçava a consciência política que ele fazia questão de manifestar.

A possibilidade do impresso assegurou à poesia de Patativa a permanência que ela poderia ter perdido pela transmissão oral. Esse desafio é inevitável: saber o que

ficaria, e o que, por sua vez, já teria vindo de outras criações. Esse processo, circular, dizia de sua grandeza e de sua importância.

É inegável que Patativa se inscrevia na categoria do criador, o que o afastava de uma diluição ou uma mera apropriação do que outros fizeram, com novas roupagens. E ao criador ele contrapunha o escrevinhador. Influência, para ele, era uma atitude consciente.

Quem compôs um poema, nos moldes camonianos, como “O Inferno, o Purgatório e o Paraíso” (“Pela estrada da vida nós seguimos / cada qual procurando melhorar / tudo aquilo, que vemos e que ouvimos / desejamos na mente, interpretar / pois nós todos na terra possuímos / o sagrado direito de pensar / neste mundo de Deus, olho e divisão / o Purgatório, o Inferno e o Paraíso”) tinha pleno domínio de seu ofício.

Quem compunha sonetos na medida exata: “Dentro desses quatorze versos, o poeta tem que dizer aquilo que ele quer, aquilo que ele pensa, aquilo que ele viu”. Ou dialogava com a lírica social (“por isso a Reforma Agrária / nós mesmo vamos fazê / nós todos juntos, os sem-terra / por vale, sertão e serra / promovendo uma campanha / abalando toda gente / ficando assim igualmente / furmiga quando se acanha”) estava longe de ser um ingênuo iletrado.

Patativa foi um leitor voraz dos poetas românticos brasileiros, o que levou a eleger Castro Alves como o seu preferido, em função do compromisso social e do condoreirismo. No Ceará, não poupava elogios a Rogaciano Leite e dizia não gostar de poesia sem rima. Em relação à forma, ela foi burilada pelo contato com o “Manual de Versificação”, de Olavo Bilac e Guimarães Passos, da mesma maneira que a poesia cabocla foi tributária de Catulo da Paixão Cearense e de Zé da Luz.

Permanência era o que se antecipava para uma poesia que ganhou o estatuto do livro, que foi musicada e gravada por um elenco eclético, do forró eletrificado (Mastruz com Leite, Baby Som), aos intérpretes nordestinos (Alcymar Monteiro, Joãozinho do Exu, Abidoral Jamaru), passando pelos “afilhados” Cícero do Assaré, Gildásio e Zé Flávio. No campo da experimentação, a releitura, em forma de *rap*, feita por Daúde para o poema “Vida Sertaneja, (“Por força da natureza, / sou poeta nordestino, / porém só canto a pobreza / do meu mundo pequenino. / Eu não sei cantá gulora, / também não canto as vitora / dos herói com seus brasão / nem o má com suas água / só sei cantá minhas mágua / e as mágua do meu irmão”) pode ser considerada como exemplar das relações da tradição com a contemporaneidade.

Daúde diz ter ouvido os poemas de Patativa no “Projeto Minerva”, programa de rádio, do tempo da ditadura, que complementava, com informações culturais as aulas do Movimento Brasileiro de Alfabetização, o Mobral.

Para não deixar de falar dos clássicos “Triste Partida” e “Vaca Estrela e Boi Fubá”, objeto das mais variadas interpretações, das duplas sertanejas (Pena Branca e Xavantinho) aos referenciais da cultura caipira (Sérgio Reis e Rolando Boldrim) e à regravação feita por Simone Guimarães de “Sina”, onde a autoria de Patativa foi, finalmente, creditada.

Natureza e cultura se imbricavam nele, e, ao contrário do que defenderam, durante muito tempo, as teorias antropológicas, não foram conceitos antagônicos, mas constituíam as duas faces da mesma moeda.

A poesia de Patativa brotava como um pé de milho que ele roçava, em sua Serra de Santana. Para ele, trabalho manual e produção intelectual não eram conflitantes, antes era no eito que ele formulava suas composições, como o desdobramento de uma mesma atividade. Ele, outra vez, amalgamava essa distinção, que é puramente ideológica, e mostrava que a poesia podia ser canto de trabalho, como o aboio, o baião da farinhada ou o comovente acalanto da mãe Preta: “Dorme, dorme meu menino /

já chegou a escuridão / a treva da noite escura / está cheia de papão”. Para concluir que: “Dorme o teu sono inocente / com Jesus e com Maria / até chegar novamente / o clarão do novo dia”.

A sua compreensão de cultura se confundia com o seu cotidiano e dos companheiros agricultores: arar, lavrar, semear, colher rimavam com fazer poemas, outra forma de sementeira, com resultados imprevisíveis, em terrenos nem sempre propícios.

Pode-se falar em uma atitude refratária do poeta aos avanços técnicos, como neste poema: “Ingém de ferro, você / com seu amigo motô / sabe bem desenvolvê / é munto trabaiaadô / argüem já me disse até / e afirmo que você é / progressista em alto grau / tem força e tem energia / mas não tem a poesia / que tem um ingém de pau”.

Outra leitura possível é o do lamento pela superação das formas de sociabilidade tradicionais do sertão.

O “Dotô do avião” (“Nunca vi chuva na terra / mandada por avião”) faz sentido na medida em que essas chuvas pressupunham a acumulação de nuvens que o equipamento sofisticado não era e nem será capaz de conseguir, além de desarticular formas de sociabilidade, no contexto social, como a presença dos profetas das chuvas, com seus saberes tradicionais, decorrentes de uma sintonia maior com a

natureza, cujos sinais decifram na antevisão de temporadas chuvosas ou de estiagens.

O falso conservadorismo aflorou, por exemplo, em “O puxadô de roda”, em que as alegrias da farinhada, com suas rapadeiras e seus quicés afiados eram superadas pelos avanços técnicos: “Seu moço, eu peço perdão / não tenha raiva de mim / mas a civilização / faz coisa que eu acho ruim / os engenheiros mecano / francês, inglês, mericano / se larga de seus cuidado / e faz certos objetos / pra buli com quem tá quieto / no seu canto sossegado”.

Patativa sabia da importância das pesquisas científicas e das novas tecnologias. No poema “A cobra falou”, ele faz com que a serpente peça ao caçador para não ser sacrificada e ser levada para o Instituto Butantã, onde seu veneno seria matéria-prima para a fabricação do soro antiofídico. Esse poema foi composto, segundo ele, numa gravação feita no Museu da Imagem e do Som, na capital paulista.

O telefone era essencial para sua ligação com o mundo. Por meio da televisão, ele ficava atualizado com as notícias, e sabia que as antenas parabólicas possibilitavam ao pessoal da Serra ficar bem informado. Ele tinha consciência de que gravações, fotografias, filmes e vídeos registravam sua obra para a posteridade e de que o velho

rádio ABC, de um de seus poemas, passou a ser referência nostálgica, em um contexto em que ele só conseguiu se manter atualizado porque deu a devida importância aos meios de comunicação (“Televisão com certeza / é a peça importante e bela / a causa da safadeza / é dos que manobra ela”).

Longe de querer congelar o tempo, ele pretendia reafirmar que a afetividade do contato pessoal não se podia desfazer pelas geringonças, como o engenho de ferro, aviões que bombardeavam nuvens e outras invenções do mesmo tipo.

Ele se sentia parte da natureza, como se brotasse do chão, como a árvore de raízes sólidas, mostrada pelo desenho de Luís Karimai; como as “estações de sua vida” impressas pela xilogravura de José Lourenço, ou pela poética visual do documentário “O voo da Patativa”, de Oswald Barroso e Ronaldo Nunes.

Essa natureza foi cultura, porque interferia no que estava posto aí, pelo homem que capinava o solo e modelava o verso, como se o barro e o papel fossem a mesma matéria.

Patativa foi homem de luta, que nunca se dobrou a censuras, que sempre venceu o medo, o que ficou evidenciado pelo episódio pitoresco, em que, depois de descer a

serra várias vezes e, nunca encontrar o prefeito de Assaré, fez um poema que falava de uma “prefeitura sem prefeito”.

Levado à prisão, por desacato à autoridade, lá encontrou uma patativa de estimação do delegado e disse dirigindo-se ao pássaro: “Patativa descontente / nessa gaiola cativa / embora bem diferente / eu também sou Patativa / linda avezinha pequena / temos o mesmo desgosto / sofremos da mesma pena / embora em sentido oposto / meu sofrer e meu penar / clamam à divina lei / tu presas para cantar / e eu preso porque cantei”.

Patativa que dividiu o Brasil em “de cima e de baixo”, não se inscreveu em uma linhagem de secessão e chegou à conclusão de que: “A misera aqui no su / é esta mesma do Norte” e a partilha proposta em seu poema era simbólica e fortemente ideologizada. Quando ele se propunha a cantar aqui, enquanto outros cantariam lá, na verdade tinha consciência de cantar em todos os lugares. Essa delimitação dos espaços não fazia sentido na medida em que sua voz era cada vez mais amplificada e universal, apesar de sua enunciação estar localizada no Nordeste. O que ele propunha, na verdade, era que cada um deveria cantar o que conhecia e o que teria vivenciado e que nenhum canto pode ter fronteiras e ele sabia disso. As utopias para ele, baseadas em um cristianismo

solidário, passavam pela questão da terra, que ele conhecia como ninguém, e avançavam na construção de uma sociedade mais justa.

Chegou a cantar o “Menino de Rua”, problema bem mais urbano, sem maior incidência em Assaré, o que não o tornava insensível à situação de risco e abandono de grande parte de meninos, meninas e adolescentes que expõem nas ruas as chagas de nossa insensibilidade: “Garoto eu desejo que em vez deste inferno / tu tenhas caderno / também professor / Menino de Rua de ti não me esqueço / e aqui te ofereço / meu canto de dor”.

Patativa tinha a medida exata entre a razão e a emoção, evitando qualquer sentimentalismo e se inscrevendo como um intérprete inspirado das nossas mazelas sociais. Esse poeta nos deixava embasbacados com sua lucidez, com o vigor de sua memória, e com a sensibilidade de reinventar o mundo por meio das palavras.

Sua visão da Serra de Santana cristalizava um paraíso particular, concreto e histórico, que deveria ser um direito dos que regavam a terra com o suor do rosto. Seu ideal de justiça social estava longe de qualquer populismo e se inseria no *topos* do “mundo às avessas”, não pelo exagero, mas pela medida exata do atendimento às necessidades de todos.

Ele desdenhava da escatologia que previa o fim do mundo com data marcada e não acreditava nessas profecias midiáticas. Seu milênio não era o fim da História, mas um tempo de solidariedade e de paz.

Provocado a falar do padre Cícero, dizia que foi um grande líder religioso e político e o colocava ao lado de Conselheiro e do beato José Lourenço (“Sempre digo, julgo e penso / que o beato Zé Lourenço / foi um líder brasileiro / que fez os mesmos estudos / do grande herói de Canudos / nosso Antônio Conselheiro”). A estatueta de gesso, pintada de preto, sobre a geladeira da cozinha teria sido colocada pelas mulheres da casa, ele asseverava.

Patativa tinha consciência da força das palavras como instrumento de denúncia e combate sem perder o que poderíamos chamar de “cortesia sertaneja”, conjunto de regras que traduzia uma visão de mundo e uma atitude de quem era capaz de se emocionar diante de sua própria produção, como se essa fosse uma condição para o poema ganhar vida própria e partir para uma interferência no mundo.

Patativa comovia com a voz roufenha, cujo corpo franzino crescia no instante da *performance*, quando ele todo comunicava e quando seu poema adquiria, por inteiro, toda sua grandeza e complexidade.

Sua poesia se fez cidadã, atuando na correção do social e não se deslocava daquela ancestralidade, do vigor de quem, como Adão, no relato criacionista, nominava as coisas que estavam no mundo.

Patativa, poeta e profeta, como diria um teórico suíço (Paul Zumthor), poeta e pássaro, que alçava vôo e emitia sua voz, para nosso prazer de leitores e para a continuidade de uma tradição, que se ancorava na solidez de seu canto presente, apontando para um projeto de futuro.



Bibliografia

- ANDRADE, Cláudio. *Patativa do Assaré. As razões da emoção*. Fortaleza, Edições UFC; São Paulo, Nankim, 2004.
- CARIRY, Rosemberg e BARROSO, Oswald. *Cultura Insubmissa*. Fortaleza: Secult, 1982.
- CARVALHO, José. *O matuto cearense e o caboclo de Pará*. Fortaleza: Edições UFC, 1973.
- CARVALHO, Gilmar de. *Patativa do Assaré. Pássaro liberto*. Fortaleza, Museu do Ceará, 2002.
- CARVALHO, Gilmar de. *Patativa poeta pássaro do Assaré*. Fortaleza, OMNI, 2002.
- DEBS, Sylvie. *Patativa do Assaré*. São Paulo, Editora Hedra, 2001
- FEITOSA, Tadeu. *Patativa do Assaré. A trajetória de um canto*. São Paulo, Escrituras, 2003.
- FIGUEIREDO FILHO, J. de. *Patativa do Assaré – Novos poemas comentados*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1970.
- NUVENS, Plácido Cidade. *Patativa e o universo fascinante do sertão*. Fortaleza, Unifor, 1995.
- PIRES FERREIRA, Jerusa. *Armadilhas da memória*. Salvador: Casa de Jorge Amado, 1993.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1998.



Cronologia

1909 – Nasceu a 5 de março, filho de Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva.

1913 – Perdeu um olho em decorrência de sarampo (ou dor d’olhos).

1928 – Viagem a Belém do Pará, onde ganhou o epíteto de Patativa, dado pelo jornalista cearense José Carvalho de Brito.

1936 – Casou-se no dia 6 de janeiro, com Belarmina Paes Cidrão, a dona Belinha.

1956 – Publicação de “Inspiração Nordestina”, por Borsoi Editor (RJ), ganhou segunda edição, em 1967, e, atualmente, traz o selo da Editora Hedra, de São Paulo.

1964 – Luiz Gonzaga gravou “Triste Partida”, de autoria de Patativa do Assaré.

1970 – Lançado “Patativa do Assaré – Novos poemas comentados”, de J. de Figueiredo Filho. Ganhou segunda edição pelo Museu do Ceará, em 2004.

1972 – Fagner musicou e gravou “Sina”, poema cuja autoria não lhe foi atribuída, em um primeiro momento.

1973 – Atropelado em Fortaleza, no dia 13 de agosto.

1978 – Publicou “Cante lá que eu canto cá”, pela Editora Vozes, livro que o lançaria nacionalmente, e ganhou quinze edições, até o livro trocar de editora, por decisão da família do poeta..

1979 – Homenageado pela SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). Tomou parte no evento “Massafeira” e gravou o disco “Poemas e Canções”, no Theatro José de Alencar. Participou da luta pela Anistia.

- 1980 – Fagner gravou “Vaca Estrela e Boi Fubá” (CBS).
- 1981 – Patativa lançou o disco “A terra é natura” (Sony).
- 1984 – Subiu ao palanque das “Diretas-Já”. Protagonizou o curta-metragem “Patativa do Assaré”, de Jefferson de Albuquerque Jr. e Rosenberg Cariry.
- 1985 – Fez a letra de “Seca d’água” em favor das vítimas das enchentes no Nordeste.
- 1985 – Lançou o disco “Patativa do Assaré”, projeto cultural do BEC (Banco do Estado do Ceará).
- 1987 – Recebeu a “Medalha da Abolição”, outorgada pelo Governo do Estado do Ceará.
- 1988 – Publicou o livro “Ispinho e Fulô”, pela IOCE (Imprensa Oficial do Ceará), cujos direitos são, atualmente, da Hedra, de São Paulo.
- 1989 – Recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Urca (Universidade Regional do Cariri). Lançou o disco “Canto Nordestino”. Apresentou-se com Fagner, no Memorial da América Latina (SP).
- 1990 – Lançamento do disco “Patativa 80 anos de luz”.
- 1991 – Lançamento do livro “Balceiro- Patativa e outros poetas do Assaré”, pela IOCE.
- 1993 – Participou da novela “Renascer”, da Rede Globo de Televisão. Lançou a caixa “Cordéis do Patativa”, pela Secretaria da Cultura do Ceará. Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte e Urca.
- 1994 – Gravou o disco “Patativa 85 anos de luz e poesia”. Morte de Dona Belinha, dia 15 de maio. Publicação de “Aqui tem coisa”, pela Secretaria da Cultura do Ceará (os direitos são hoje da Editora Hedra, de São Paulo).
- 1999 – Inauguração do Memorial Patativa do Assaré. Recebeu os títulos de Doutor Honoris Causa da Uece (Universidade Estadual do Ceará), em 5 de março, e da UFC (Universidade Federal do Ceará),

em 8 de outubro. Lançado pelas Edições UFC o livro “Cordéis do Patativa”.

2001 – Recebeu o troféu “Sereia de Ouro”, comenda do Grupo Edson Queiroz, no Memorial Patativa do Assaré.

2002 – Faleceu dia 8 de julho.

2002 – Publicação de “Balceiro 2” e de “Ao pé da mesa”, pela Editora Terceira Margem, de São Paulo. Lançamento da “Antologia Poética de Patativa do Assaré”, pelas Edições Demócrito Rocha.

2006 – O poeta foi incluído no cânon para o vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC). Lançada a coletânea “Cordéis e outros poemas”, pelas Edições UFC.

2006- A série Perfis, da TV Assembleia, da Assembleia Legislativa do Ceará, lançou o documentário “Patativa do Assaré- Poeta Cidadão”.

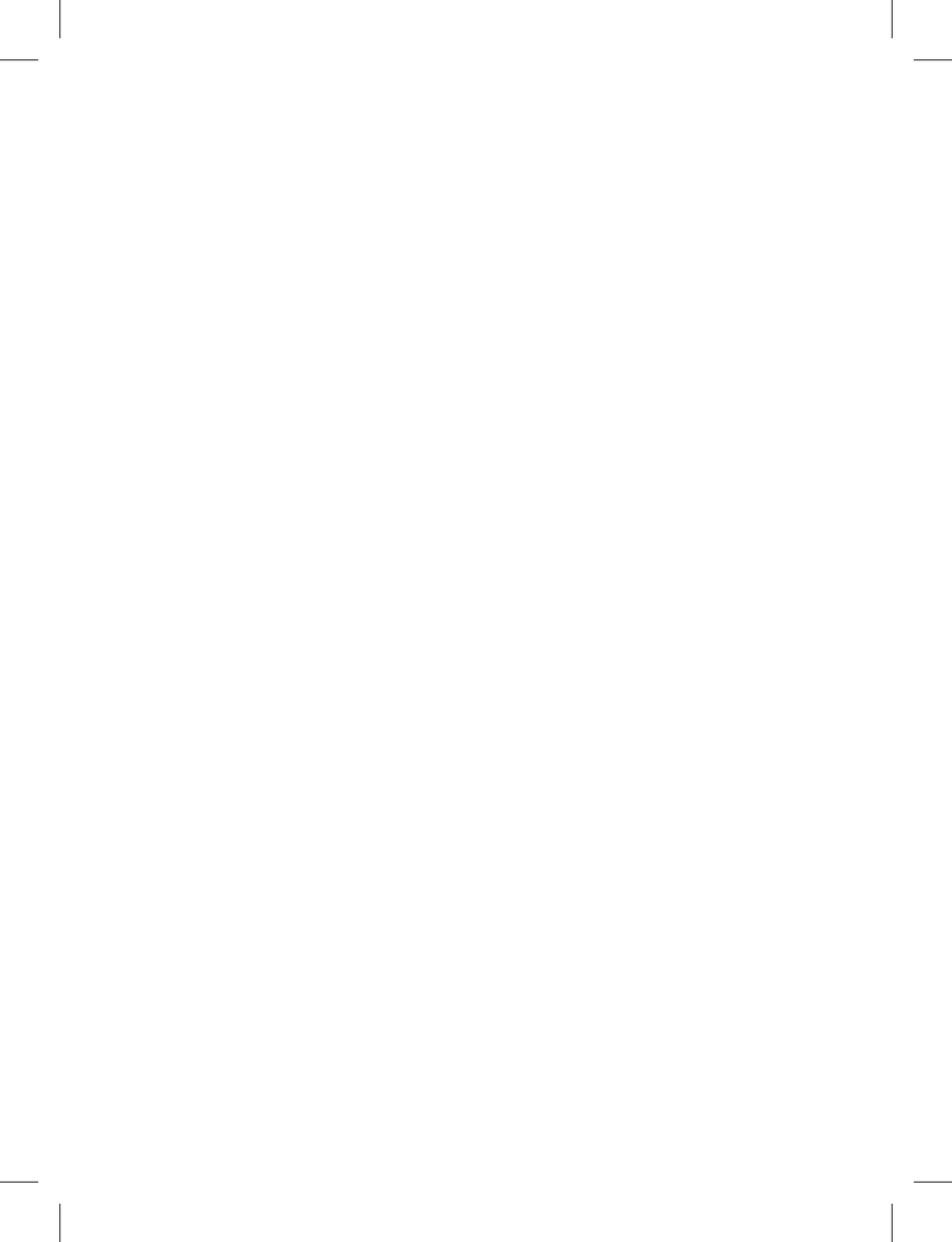
2007 – Rosemberg Cariry lançou o longa metragem “Patativa do Assaré- Ave Poesia”.

2009 – Patativa foi homenageado, no seu centenário de nascimento, pelo Festival UFC de Arte e Cultura, com exposição de fotografias de Tiago Santana e de xilogravuras de João Pedro do Juazeiro, no Mauc.

2009 – O Ministério da Cultura (MinC) lançou o edital Patativa do Assaré, de estímulo à publicação de cordéis e livros que tivessem como temática a tradição sertaneja.

2012 – As Edições UFC lançaram a segunda edição ampliada dos “Cordéis do Patativa”.

2017 – Lançamento da 3ª edição do livro “Patativa do Assaré - uma biografia”, de Gilmar de Carvalho, durante o evento “Quinze anos sem Patativa”, no Café Passeio (Passeio Público de Fortaleza), dia 7 de julho.



Sobre o autor

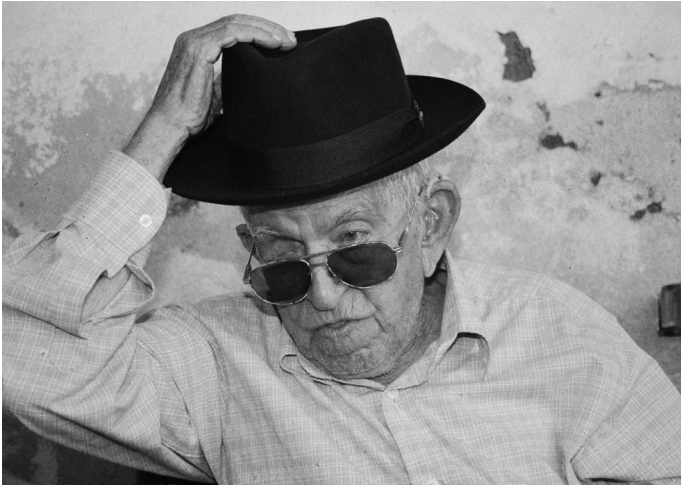
Gilmar de Carvalho (Sobral-CE, 1949) é Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo.

Foi professor de Jornalismo e Publicidade do Instituto de Cultura e Arte da UFC, de 1984 a 2010, quando se aposentou.

Tem dez livros publicados ou organizados sobre o Patativa do Assaré. Ganhou os prêmios Sílvio Romero, com a tese Madeira Matriz, em 1999, o Érico Vanucci Mendes, do CNPq, neste mesmo ano. Em 2014, com Francisco Sousa, foi um dos vencedores do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, do IPHAN, com pesquisa sobre rabecas e rabequeiros do Ceará.

Seu interesse é da relação da Comunicação com as Culturas.

E-mail: gilmarcarvalho15@gmail.com







EXPRESSÃO
GRÁFICA
E EDITORA

Rua João Cordeiro, 1285
(85) 3464.2222 • Fortaleza-CE
www.expressaografica.com.br

FILIADA À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

